

Lições das contrarrevoluções

Textos do Partido Comunista Internacionalista –
Programa Comunista de 1951 e 1952

Introdução

O texto que segue é uma cópia digitalizada de uma rara brochura em língua portuguesa (de Portugal), publicada em 1974, contendo três textos do *Partito Comunista Internazionalista – Programma Comunista* (Partido Comunista Internacionalista – Programa Comunista):

- *Teoria e azione nella dottrina marxista* (Teoria e ação na doutrina marxista), o relatório da reunião de Roma de 1 de abril de 1951, publicado no *Bolletino Interno* (Boletim Interno) n° 1 de 10 de setembro de 1951.
- *Lezioni delle controrivoluzioni* (Lições das contrarrevoluções), o relatório da reunião de Nápoles de 1 de setembro de 1951. O resumo dessa reunião apareceu no fascículo *Sul filo del tempo* (No fio do tempo) em 1953. Publicado no volume *Partito e Classe* (Partido e Classe), Ed. *Il programma comunista* em 1972.
- *Raddrizzare le gambe ai cani* (Repondo os pingos nos is), publicado na série *Sul filo del tempo* (No fio do tempo) em *Battaglia Comunista* n° 11 de 1952,

Embora o curso da contrarrevolução mundial que se abateu sobre a classe proletária desde a segunda metade dos anos 1920¹ não tenha sido alterado em nada, na esperança de uma retomada de uma fase revolucionária como no primeiro pós-guerra², um agrupamento de militantes da Esquerda Comunista da Itália (ligada principalmente a Onorato Damen³), em contato com elementos franceses e belgas, funda no ano de 1943 o *Partito Comunista Internazionalista* (Partido Comunista Internacionalista - PCInt). O partido publica o periódico *Battaglia Comunista* (1945) e o órgão teórico *Prometeo* (1946)⁴.

No entanto, a corrente da Esquerda Comunista da Itália ligada a Bordiga (expulso do PC da Itália em 1930 por ter defendido Trotsky), embora tenha tirado as lições dos acontecimentos que desembocaram na contrarrevolução e julgasse que a constituição do partido era prematura, e, portanto, que se devia preservar as poucas energias do proletariado para não cair no ativismo imediatista, acaba aceitando com reservas o PCInt como uma expressão real do movimento que ainda mantinha alguma ligação com o programa comunista e não podia ser ignorada. Bordiga mantém-se fora do partido até 1949, embora enviase contribuições teóricas de modo anônimo às suas publicações.

¹ Há 90 anos a classe proletária mundial está mergulhada na mais negra contrarrevolução de sua história, desde a derrocada da revolução proletária na Rússia em meados dos anos 1920 e na China em 1927, cuja consequência foi tornar seu partido de classe, a Internacional Comunista, a partir de então e até sua dissolução em 1943, um instrumento do PC russo e da política do Estado russo que aí edificava o capitalismo.

² Em plena guerra e sob forte repressão, em novembro de 1941 tem início uma onda de greves na Alemanha. Em outubro de 1942 desencadeia-se uma greve geral na Fiat em Turim (a segunda maior concentração operária na Itália na época), seguida em março de 1943 de greves de massa nos setores da metalurgia, indústrias alimentares e químicas.

³ Onorato Damen (1893-1979), um dos expoentes da Esquerda Comunista da Itália desde seus primórdios, ao lado de Amadeo Bordiga (1889-1970), Ottorino Perrone (1897-1957) e outros.

⁴ Um resumo da trajetória da Esquerda Comunista da Itália, redigido em 1977, encontra-se em nossa publicação *Quem é Robin Goodfellow* (2014), disponível neste blog e em nosso site em português (www.robingoodfellow.info).

O PCInt conheceu uma progressão significativa nos meios operários dos centros industriais, sobretudo, no norte da Itália, embora pouco significativa na França. Entretanto, a ausência do relançamento do esperado movimento revolucionário acabou precipitando a emergência de duas correntes opostas: uma agrupada em torno de Damen, de tendência voluntarista (organização de “grupos comunistas de fábrica” rejeitando os sindicatos, exigência da revisão da teoria que não havia previsto os “novos” fenômenos que ocorriam na Rússia...), e outra alinhada a Bordiga, que mostrava que não havia uma retomada revolucionária e, portanto, o trabalho do partido deveria ser prioritariamente teórico e pela formação de quadros futuros. A clivagem entre as duas correntes se aprofundou com a entrada de Bordiga no PCInt em 1949. Em 1952 consuma-se a cisão entre essas correntes, ambas reivindicando a linhagem da Esquerda Comunista italiana sob o mesmo nome de *Partito Comunista Internazionalista*: a tendência de Damen mantendo os órgãos *Prometeo* e *Battaglia Comunista* (*Partito Comunista Internazionalista – Battaglia Comunista*) e a tendência de Bordiga, que passa a publicar o periódico *Il Programma Comunista* (*Partito Comunista Internazionalista – Programma Comunista*).

Contudo, sob a pressão da contrarrevolução, o *Partito Comunista Internazionalista – Programma Comunista* acaba por abandonar as posições originais da Esquerda Comunista da Itália que ocupou a direção do Partido Comunista da Itália como corrente majoritária desde sua fundação em Livorno em 1921 até 1923-1924⁵. *Programma Comunista* acaba sucumbindo ao revisionismo, degenerando-se cada vez mais, especialmente a partir dos anos 1960, e espatifando-se em várias organizações que reivindicam o legado da Esquerda Comunista da Itália. O órgão que publicou a versão em português das Teses de 1951, o *Partito Comunista Internazionale* (Partido Comunista Internacional - PCi), já em plena fase degenerada, foi a fração que reclama ser a “herdeira oficial” do *Partito Comunista Internazionalista – Programma Comunista*, o qual mudou de nome após a cisão provocada pela corrente *Rivoluzione Comunista* em 1964 autoproclamada também de *Partito Comunista Internazionalista*.

A decomposição do PCi levou-o ao abandono completo do esforço teórico – especialmente em relação à previsão do relançamento da revolução proletária mundial⁶ - e ao ativismo. Uma das consequências importantes foi a cisão de 1966, no ramo francês do partido, de duas correntes críticas ao ativismo reinante: a de Jacques Camatte – publicando a revista *Invariance* (Invariância) – e a de Roger Dangeville – publicando a revista *Le Fil du Temps* (O Fio do Tempo). *Invariance*, a fração mais consequente, manteve cegamente a previsão da alternativa “guerra ou revolução” para 1975 sem proceder a um trabalho de retorno teórico à análise dos ciclos e crises apoiando-se nos textos de Marx e Engels, e sucumbiu completamente à contrarrevolução. Em 1976, após uma breve passagem pelo *Groupe Communiste Mondial* (que se situava na continuidade de *Invariance*), um pequeno núcleo de militantes publica a revista teórica *Communisme ou Civilisation* (Comunismo ou Civilização), que no essencial constituem ainda nosso órgão coletivo *Robin Goodfellow*.

⁵ Nessa data, seus principais dirigentes foram aprisionados pelos fascistas. Com a involução da revolução proletária em nível mundial e a vitória da teoria do “socialismo em um só país” no XIV Congresso do PCUS em 1925, no Congresso de Lyon (França) de 1926, realizado na clandestinidade, a Esquerda perde a direção para a corrente centrista pró-Moscou: Gramsci obteve 91% dos votos.

⁶ Em 1957, Bordiga na sua brochura *Dialogato coi morti* (Diálogo com os mortos) teorizou a previsão de uma “crise catastrófica” do modo de produção capitalista para 1975, que levaria à alternativa: guerra mundial ou revolução comunista. Baseado mecanicamente num ciclo de 10 anos, o PCi previa uma grave crise para 1965 que colocaria a perspectiva do agrupamento dos primeiros núcleos do partido comunista mundial.

Em suma, a corrente agrupada em torno de Bordiga, verdadeiramente internacionalista e que por um bom período, mesmo sendo uma expressão limitada do socialismo científico, isto é, da teoria comunista, soube defender a atualidade do programa comunista frente às falsificações realizadas pelos estalinistas, trotskistas e esquerdistas de vários matizes, acabou soçobrando ao peso desta contrarrevolução que ainda perdura, abandonando de vez o ponto de vista classista do programa comunista.

Robin Goodfellow, abril de 2017

os textos do
partido comunista internacional

2

LIÇÕES DAS CONTRA-REVOLUÇÕES

edições programme communiste

O QUE DISTINGUE NOSSO PARTIDO

- a linha que vai de Marx a Lênin, à constituição do Partido Comunista da Itália em Livorno em 1921, à luta da esquerda contra as degenerações de Moscou, ao rechaço das Frentes Populares e dos blocos de partisans;
- a dura obra de restauração da doutrina e do órgão revolucionário, em contato com a classe operária, fora da politicagem pessoal e eleitoreira.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	pg	I
TEORIA E AÇÃO NA DOUTRINA MARXISTA	"	1
Sumário	"	3
I - A inversão da praxis na teoria marxista	"	4
II - Partido revolucionário e ação econômica	"	6
LIÇÕES DAS CONTRA-REVOLUÇÕES REVOLUÇÕES DUPLAS NATUREZA CAPITALISTA-REVOLUCIONÁRIA DA ECONOMIA RUSSA	"	11
REPONDO OS PINGOS NOS II	"	33
APÊNDICE	"	45

Acham-se reunidos neste volume três textos publicados na nossa imprensa no período compreendido entre 1951 e 1952. Naqueles anos, ficou patente que a rerepresentação orgânica da comum, unitária, monolítica e constante doutrina de partido era uma necessidade primordial para poder-se posteriormente sair, de forma não-fictícia e não-ilusória, do abismo de uma fase de depressão máxima da curva do potencial revolucionário e, portanto, sem perspectivas próximas de um grande movimento social. Reagia-se, assim, ao "praticismo" indubitavelmente generoso mas sem maiores escrúpulos doutrinários, dos grupos de formação não totalmente homogênea que reivindicavam genericamente a Esquerda comunista "italiana", os quais, já durante a guerra mas principalmente no primeiro quinquênio pós-bélico, tinham-se lançado resoluta e vivazmente à ação - quase considerando que a contra-revolução mundial tivesse sido uma espécie de distração da história e que bastasse virar a sua página sangrenta para retomar, tal e qual, o caminho no ponto em que ele se tinha interrompido. Era necessário, para isso, tirar das lições da contra-revolução a confirmação da integridade e invariância da doutrina marxista e fazer dela, nestas suas integridade e invariância firmemente restabelecidas, a base da ação nunca renegada (por mais limitado que fosse o seu raio, do ponto de vista da propaganda, do proselitismo, da intervenção nas lutas econômicas, etc), através de um trabalho fundado numa alta continuidade, coerência e rigor teórico, e sintetizado progressivamente, em freqüentes reuniões de trabalho, para toda a rede da organização, rede numericamente reduzida, mas extensa e potencialmente supranacional.

Ao "falso recurso do atualismo-ativismo", que, considerando que a ação e a luta são tudo, difama e deserta do trabalho doutrinário e da restauração teórica - tão necessária hoje como para Lênin em 1914-1918 -, recaindo, assim, na destruição da dialética e do determinismo histórico marxistas, para substituir a imensa pesquisa histórica dos raros momentos e pontos cruciais capazes de servir-nos de ponto de apoio por um voluntarismo destrambelhado que, no fim das contas, é a pior e mais crassa adaptação ao status quo e às suas perspectivas imediatas; a este ativismo, pois, tratava-se de opor o reconhecimento de que a contra-revolução stalinista, a mais radical e devastadora da história do movimento operário, não só rompeu o fio deste último mas também, como não podia deixar de ser, destruiu e deformou as suas bases doutrinárias e programáticas, e envolveu, na confusão geral, inclusive aqueles poucos elementos de vanguarda que se salvaram do massacre material e político, tornando, assim, ainda mais urgente a reconstrução, paciente e quase pedaço por pedaço, de todo o patrimônio teórico do marxismo, condição sine qua non de uma ação orgânica, não-imediatista e, portanto, não-flutuante, do núcleo, forçosamente reduzidíssimo, do futuro partido. Isso não significava encerrar-se na famosa "torre de marfim" da especulação "pura", nem renunciar às formas necessárias de exteriorização do partido, mas sim empenhar o máximo de energia na obra de reconstrução integral da teoria e nela fundar solidamente a praxis, fora de desvios, oscilações ou, mesmo, simplesmente, de repetições mecânicas de fórmulas e palavras-de-ordem tão corretas em fases ardentes, como as do primeiro pós-guerra, quanto insuficientes, negativas mesmo, numa fase de furiosa contra-revolução e de atonia, como a fase atual. Efetivamente, a classe operária só

levará a cabo a sua tarefa na medida em que se mover usando uma doutrina e um método que permaneçam estáveis e que sejam estabilizados num programa monolítico durante todo o desenrolar da imensa luta - variabilíssimo sendo o número dos partidários, bem como o êxito das fases e dos choques sociais, e, em dependência disso, ampliando-se ou restringindo-se quantitativamente, mas nem por isso anulando-se, alguns setores da atividade do partido.

Ao contrário do que fora o caso para Lênin e para os bolcheviques nos anos compreendidos entre o primeiro conflito imperialista mundial e o primeiro pós-guerra, esse trabalho não se desenvolvia em presença de um movimento real no qual pudesse apoiar-se e do qual pudesse nutrir-se. Contudo, como todos os períodos subseqüentes a duras derrotas, o período do segundo pós-guerra, se afrontado com coragem na sua realidade de tremendo cataclisma que, como tal, apresenta efeitos prolongados e difíceis de serem reabsorvidos, oferecia à vanguarda comunista a vantagem de um balanço material do qual pode-se tirar não só a confirmação das teses marxistas clássicas em todos os campos, como também a possibilidade de uma sua formulação mais completa e intransigente, na mesma medida em que a contra-revolução que teve por divisa o "socialismo num só país" só pôde afirmar-se com tamanho poderio destrutivo enquanto destruiu, juntamente com o partido da revolução mundial proletária, todo o arsenal das suas armas críticas e de batalha, do extremo da teoria ao da tática e da organização. Essa vantagem teria sido irremediavelmente perdida se tivesse sido sacrificada, em prol de uma ação qualquer, a tarefa primordial da rerepresentação da visão integral da história e do seu proceder, das revoluções que se sucederam até hoje, das características da que se prepara e que verá o proletariado moderno destruir o capitalismo e realizar novas formas sociais; ou se tivesse esperado que os fatos, na caprichosa forma fenomênica da sua aparição e sucessão, proporcionassem uma nova verdade que viria a substituir, ainda que só parcialmente, a velha verdade, a fim de modificar, com isso, as relações materiais de força ferozmente negativas.

Com efeito, aquele balanço não levava a renegar em nada os postulados fundamentais de doutrina e de praxis do marxismo; mas levava, ao contrário, a reafirmá-lo com tão maior dureza quanto mais nitidamente a dinâmica dos fatos históricos, vistos numa perspectiva não contingente nem local, tinha esculpido os traços ásperos e precisos daqueles postulados, seja em matéria de teoria geral, de finalidade e de programa, seja em matéria de princípios e de tática.

À luz de tal balanço dinâmico, tomava mais que nunca relevo, contra toda negação imediatista de estampo democrático, a visão marxista da natureza e do papel do partido, das suas relações com a classe, no sentido estatístico e estático, da sua função de guia tanto na preparação do assalto revolucionário ao poder, como na realização do mesmo e no exercício ditatorial do poder conquistado e defendido; a visão, portanto, do totalitarismo e autoritarismo de partido (e isto, em polémica direta com o espontaneismo antipartido alimentado pelo horror ao totalitarismo stalinista, considerado como produto necessário da visão marxista - restabelecida em todo o seu vigor por Lênin - do papel central do partido na revolução e na ditadura proletárias e, antes mesmo disso, das suas bases e condições de existência). Assumia, também, um caráter de inconfundível nitidez seja a exigência de fixar e, digamos mesmo, codificar as normas de ação tática do partido em harmonia com a "gama de eventualidades" antecipada pelo programa com base nas leis que regem o movimento das classes no desenrolar tormentoso das contradições internas do modo de produção capitalista e do sistema social a ele

correspondente (e isto, em luta direta contra o ecletismo e o contingentismo vicejantes inclusive em grupos e correntes preocupados - subjetivamente - em não menosprezar os princípios); seja a exigência de uma conjunção da luta revolucionária do proletariado nos países de capitalismo evoluído, e na perspectiva da revolução comunista "pura", com a luta revolucionária das plebes oprimidas pelo imperialismo nos países coloniais e semi-coloniais, e na perspectiva de uma revolução dupla (democrático-burguesa levada às últimas consequências e, em situações internacionais montantes, transcrecente em revolução proletária) - e isto, em luta direta contra o indiferentismo de falsa esquerda no que concerne aos movimentos de "libertação nacional". Reconfirmavam-se, além disso, as razões do nosso abstencionismo (inclusive face ao "parlamentarismo revolucionário" firmemente ligado aos princípios), assim como as razões da intervenção necessária do Partido nas lutas sindicais e nas organizações econômicas operárias, embora bem sabendo que os passos últimos do processo de integração destas últimas no aparelho estatal burguês, paralelamente à inexorável marcha do totalitarismo fascista em vestes democráticas e pluripartidárias, colocava e coloca, em termos muito mais complicados e problemáticos que no primeiro pós-guerra, o problema de uma sua reconquista à luta independente de classe e, portanto, ao Partido.

Além destas questões vitais mas, num certo sentido, "derivadas", o mesmo balanço devia permitir-nos, por um lado, reafirmar a nossa certeza na crise final do capitalismo em suas clássicas cidadelas euro-americanas, apesar do terrível atraso das condições "subjetivas" da sua superação revolucionária, e, por outro lado, definir, com o máximo rigor, a posição histórica da estrutura econômica e social da Rússia de hoje no âmbito do capitalismo mundial; e, no contexto deste último e fundamental trabalho de clarificação teórica, trazer de volta à plena luz do sol as reivindicações originais essenciais do marxismo, tais como, na sua grandeza e imponência, elas são há pelo menos um século, liquidando as banalidades pelas quais substituem-nas inclusive muita gente que não está afundada no pântano stalinista, e que faz passar por comunismo reivindicações burguesóides populares. Em suma, esse balanço devia permitir-nos "redescobrir" o que é o comunismo, para escárnio de toda a súcia de falsificadores do socialismo. Mas tudo isso comportava retomar integralmente os textos clássicos em toda a amplitude dos setores correlatos da doutrina em sua reafirmada invariância. - É um trabalho longo e difícil, que absorve anos e anos - não hesitamos em proclamar então, advertindo, por outro lado, que a relação de forças da situação mundial não poderia modificar-se senão depois de decênios. E acrescentávamos que, para levá-lo a cabo, seria necessário remover e desprezar todo tolo e falsamente revolucionário espírito de rápida aventura, já que ele é próprio de quem não sabe resistir mantendo-se na posição revolucionária e, como em tantos exemplos da história dos desvios, de quem abandona o caminho principal para trilhar as sendas equívocas do sucesso a curto prazo.

É no âmbito dessa complexa elaboração que se inserem, pois, os textos que aqui publicamos.

o o o

O texto intitulado Teoria e ação na doutrina marxista, que compreende A inversão da praxis na teoria marxista e Partido revolucionário e ação econômica, desenvolve por extenso os pontos contidos na breve sinopse da reunião de Roma de 1/4/1951 (o sumário aqui re

produzido na página 3). Ele reafirma, em particular:

- 1) A correta visão marxista da sucessão dos modos de produção e, correspondentemente, dos regimes de dominação de classe, visão que exclui a alternância pacífica e gradual de ascensões e declínios das forças produtivas e, com elas, da capacidade de sobrevivência do poder das classes sucessivamente dominantes, e que concebe a história como uma sucessão de abruptos avanços, de bruscas rupturas revolucionárias, de precipitosas quedas, depois das quais as forças produtivas tornam a desenvolver-se numa escala mais alta, a que corresponde o domínio de uma nova classe. Essa sucessão se verifica até o triunfo do comunismo e, portanto, até a supressão final das classes e do Estado (negação do gradualismo pacifista e revolucionista; reconfirmação do "catastrofismo", não mecanicista, mas revolucionário);
- 2) A justa interpretação do determinismo dialético, segundo o qual os impulsos econômicos e materiais são o ponto de partida da ação, da vontade em seguida, e só depois da consciência (e isto, tanto para o indivíduo quanto para os agregados sociais). O conjunto dessas determinações converge no órgão-partido, no qual o concurso das mesmas traduz-se na posse de uma visão crítica e teórica e, ao mesmo tempo, de uma vontade de ação, capazes de converterem-se, para isso concorrerem as condições objetivas, em decisões de combate (inversão da praxis possível, pois, somente no e através do partido, enquanto produto e fator de uma elaboração histórica geral);
- 3) A exata fundamentação da teoria do materialismo histórico, que liga a necessidade econômica primitiva do indivíduo à dinâmica das grandes revoluções sociais e que, ao mesmo tempo em que atribui ao Partido de classe a direção política dos movimentos das massas trabalhadoras, derivados dos impulsos e das determinações materiais, e a orientação dos mesmos no sentido do objetivo final revolucionário, afirma serem indispensáveis, para tanto, a existência de uma vasta rede de associações intermediárias de conteúdo econômico que compreendam uma parte importante do proletariado (hoje, essas associações desapareceram, enquanto organismos autônomos, mas elas ressurgirão, em formas ainda imprevisíveis, sob a pressão das situações de crise do regime capitalista) e a conquista de uma influência determinante do Partido sobre elas, que devem funcionar como "correias de transmissão" da sua estratégia e da sua tática nas fileiras operárias.

Como é fácil ver, os três pontos estão intimamente ligados, como os elos de uma mesma cadeia. Não se pode romper um só deles sem se destruir toda a perspectiva da revolução proletária, ponto de encontro e de junção dos fatores objetivos e subjetivos, do impulso das massas e da direção política do Partido, que é delas o depositário da vontade consciente.

A reunião de Nápoles de 1º de setembro de 1951 tomou como objeto o tema Lições das contra-revoluções não só e não tanto para responder a dúvidas e incertezas de alguns camaradas em relação à correta avaliação da natureza da economia russa e da sua evolução histórica, como para restabelecer os critérios fundamentais que, segundo o marxismo, definem os grandes modos históricos de produção e, ao mesmo tempo, o percurso - nem sempre linear, nem isento de paradas e retornos - que leva de um modo a outro.

Como sempre, tratava-se de reafirmar, face ao trágico epílogo da gloriosa revolução bolchevique, a integridade da doutrina marxista, que exclui a existência de tipos de relações de produção "alternativos" entre o tipo capitalista e o tipo comunista, e a correspon-

dente entrada em cena de uma "nova" classe ou "casta parasitária" (no caso, a burocracia), e de explicar as condições, objetivas e internacionais, devido às quais a revolução russa, nascida como a conjunção de duas revoluções - a antifeudal e a antiburguesa -, não pôde superar, apesar da fulgurante vitória política proletária e comunista de Outubro, o quadro econômico e social burguês, em nada desmentido pela estatização da indústria.

Isso não diminui em nada o resultado revolucionário em sentido antifeudal do grandioso acontecimento, mas nunca poderá dissimular a realidade dramática de uma contra-revolução - aquela que, convencionalmente, toma seu nome emprestado a Stalin - que não apresentou (fato historicamente não novo) o tradicional aspecto do choque frontal entre duas classes na área russa, mas que, devido ao insucesso da revolução na Europa, viu a destruição, inclusive física, do partido mundial de classe, com efeitos de longuíssima e não facilmente reversível duração.

O caráter proletário e comunista da revolução de Outubro devia e deve ser visto na natureza da sua direção política, no exercício da ditadura pelo partido bolchevique, que agia em função da revolução mundial e, na frente interna, da guerra civil não só contra a burguesia - vencida, sim, mas sustentada pela burguesia internacional no seu desesperado esforço de sobrevivência e de desforra -, como também contra os resíduos do feudalismo czarista. Seria inútil vê-lo nas suas medidas econômicas, que, nos anos de esplendor, puderam ser legitimamente definidas como "socialistas", no duplo sentido que, em determinados setores, devido às exigências da guerra civil e unicamente enquanto ela durasse, tiveram caráter antimercantil e, em outros setores, submeteram a grande indústria e o comércio ao controle e à gestão diretos de um Estado que visava utilizá-las em vista e de acordo com os interesses da vitória de classe do proletariado em todos os países. Porém (e isto é uma outra confirmação do marxismo), pelo seu conteúdo real, essas medidas não podiam ultrapassar, sem aquela vitória, o marco do capitalismo levado tendencialmente ao extremo limite do capitalismo de Estado, superando, em inteiras áreas geográficas do imenso território, formas não só pré-capitalistas, mas até mesmo patriarcais e "naturais".

É indubitável que o texto aqui apresentado não afronta, senão em parte, a vastíssima e complicada questão da análise da economia russa, o que foi feito, posteriormente, com abundante documentação estatística, bem como com argumentações teóricas, históricas e políticas fundamentais, nos textos: Struttura economica e sociale della Russia d'oggi, Russia e rivoluzione nella teoria marxista, Dialogato con Stalin, Dialogato coi morti, Bilan d'une révolution. Deve-se observar também que, no presente texto, falta uma análise das relações de produção e das relações sociais na agricultura (análise essa amplamente realizada nos textos supracitados), onde a natureza não-socialista - e, localmente, até mesmo pré-capitalista - da economia salta ainda mais aos olhos, onde até mesmo a forma estatal do sovkhoz cede lugar cada vez mais à forma cooperativa do kolkhoz, na qual assume um peso crescente e determinante a produção nas parcelas de propriedade privada pessoal e familiar.

No entanto, não deixa de ser um texto fundamental, não só pela aprofundada análise teórica dos diversos tipos históricos de contra-revolução, como também pela lucidíssima síntese das características distintivas dos modos de produção feudal, burguês e comunista, síntese esta de vital importância para pulverizar a infame mentira stalinista, que batiza de socialista a industrialização capitalista sob a égide do Estado e que pretende encontrar nisso a justificação

teórica desta suprema heresia que é a "edificação do socialismo num só país".

Completa a presente brochura um texto publicado em 1952 na nossa imprensa italiana e dedicado a combater e demolir não tanto as teorias próprias do adversário burguês, que, como tais, opõem-se diametralmente às nossas, quanto as incorretas formulações histórico-políticas, econômicas e "filosóficas" de grupos e correntes que, no segundo pós-guerra, pretendem opor-se ao reformismo clássico, à sua variante stalinista e à infame evolução destes, mas que, por sua vez, recaem em graves erros de princípio no que concerne à apreciação das relações e dos fatores históricos em sua dinâmica real, e das doutrinas a eles correspondentes.

Envergando a máscara de uma falsa intransigência, esses erros de princípio ressentem-se de uma visão antidialética do processo histórico e desembocam, sucessivamente, no indiferentismo, no obreirismo, no imediatismo, no "autogestionismo" e, para terminar, no ecletismo; isto é, nas doenças típicas (e crônicas) desencadeadas no movimento operário por uma reação errada - porque "simétrica" - à traição stalinista das próprias bases do marxismo. Simétrica, porque faz sua a pretensão de "atualizar" a doutrina, o programa, a tática do comunismo revolucionário para adaptá-los a pretensos fatos novos, e porque, ao desprezar os princípios da ditadura proletária e do partido que a dirige após ter guiado a classe no assalto ao poder, completam a obra do stalinismo, que esvaziou esses princípios de todo o seu conteúdo; do mesmo modo que (para não dizer mais), tendo o stalinismo rompido os elos da estratégia mundial que ligava a revolução proletária nos países capitalistas evoluídos aos movimentos revolucionários nacional-burgueses nas colônias ou semi-colônias, privando estes últimos do seu coroamento decisivo, o mais radical possível, tacham de reacionárias ou manobradas pelo imperialismo as heróicas revoltas dos povos de cor, no momento mesmo em que - espectador inerte o proletariado das metrópoles - se desencadeia contra eles a fúria da conservação capitalista.

Esses erros são arrolados no texto como contra-teses, às quais são opostas, com o fito de restaurar a teoria marxista na sua integridade, as nossas teses clássicas, as mesmas de sempre, já que nada mudou nem pode mudar na nossa doutrina e que nenhum fato novo veio a comprometer a sua poderosa unidade no que concerne às históricas batalhas contra aquele proudhonismo e aquele bakuninismo do qual cada "contra-tese" herda, tenha ou não consciência disso, o legado de caráter pequeno-burguês, idealista e contingentista.

Que os jovens militantes possam encontrar nestas páginas os elementos que lhes permitirão julgar com clareza os fatos e as "idéias" vulgares e temperar as suas armas para a luta inelutável contra o infame regime do Capital, que só sobrevive porque a classe oprimida perdeu o rumo seguro que lhe é traçado pelo seu programa.

teoria e ação
na doutrina marxista

(reunião de Roma de 19 de abril de 1951)

S U M A R I O

- 1.- É falso remédio à situação de desarranjo da ideologia, da organização e da ação revolucionárias contar com a inevitável e progressiva queda do capitalismo, que já teria se iniciado, e no fundo da qual a revolução proletária espera. A curva do capitalismo não tem ramo descendente.
- 2.- A segunda crise histórica internacional oportunista, com o desabamento da Terceira Internacional, deriva do "intermediarismo", concepção que pretendia colocar objetivos políticos gerais transitórios entre a ditadura burguesa e a ditadura proletária. É uma posição errada a que, para evitar o intermediarismo, renuncia às reivindicações econômicas particulares dos grupos proletários.
- 3.- A justa praxis marxista afirma que a consciência do indivíduo e, também, da massa segue a ação e que a ação segue o impulso do interesse econômico. É só no partido de classe que a consciência e, em determinadas fases, a decisão de ação precedem o choque de classe. Mas tal possibilidade é inseparável, organicamente, do movimento molecular dos impulsos físicos e econômicos iniciais.
- 4.- Segundo todas as tradições do marxismo e da Esquerda italiana e internacional, o trabalho e a luta no seio das associações econômicas proletárias é uma das condições indispensáveis para o sucesso da luta revolucionária, juntamente com a pressão das forças produtivas contra as relações de produção e com a justa continuidade teórica, organizativa e tática do partido político.
- 5.- Embora a dinâmica da ação sindical tenha sofrido profundas variações (proibição, tolerância, sujeição) nas várias fases do curso histórico burguês (revolucionária, reformista, anti-revolucionária), é organicamente indispensável ter, entre a massa proletária e a minoria organizada no partido, uma outra camada de organizações, por princípio neutras politicamente e constitucionalmente acessíveis só a operários. Organismos desse tipo devem ressurgir na fase em que a revolução se aproxima.

I - A INVERSÃO DA PRAXIS NA TEORIA MARXISTA

- 1.- Desordem ideológica nos inúmeros grupos internacionais que condenam a orientação stalinista e afirmam estar na linha do marxismo revolucionário.
Incerteza de tais grupos com respeito ao que chamam de análise e perspectiva: desenvolvimento moderno da sociedade capitalista; possibilidade de retomada da luta revolucionária do proletariado.
- 2.- Está claro para todos que a interpretação reformista do marxismo caiu com as grandes guerras, com os grandes choques internos e com o totalitarismo burguês.
- 3.- Entretanto, dado que ao agravamento da tensão social e política corresponde, não a força, mas a total degeneração dos partidos ex-revolucionários, surge a questão de saber se não se deveria fazer uma revisão na perspectiva marxista e, também, na perspectiva leninista, que colocava, como desdobramento da primeira guerra mundial e da revolução russa, o chamar, em todo o mundo, da luta proletária pelo poder.
- 4.- Uma teoria totalmente errada é aquela da curva descendente do capitalismo, teoria que leva à colocação desta falsa questão: como é possível que, enquanto o capitalismo declina, a revolução não avança? A teoria da curva descendente compara o desenvolvimento histórico a uma senóide: todo regime, como, por exemplo, o regime burguês, inicia uma fase de ascensão, atinge um máximo e, depois, começa a declinar até um mínimo, depois do qual um outro regime re-ascende. Tal visão é a do reformismo gradualista: não existem movimentos bruscos, abalos ou saltos (vide Apêndice, figura I).
- 5.- A visão marxista pode ser representada, com fim de clareza e brevidade, por vários ramos de curvas, sempre ascendentes até aqueles vértices (na geometria, pontos singulares) que são seguidos por uma brusca queda, quase vertical; e começa, a partir de baixo, um novo regime social, um outro ramo histórico de ascensão (vide Apêndice, figura II).
- 6.- De acordo com essa visão, que é a única visão marxista, todos os fenômenos da atual fase imperialista são perfeitamente deduzidos, desde há um século: na economia, trustes, monopólios, dirigismo estatal, nacionalizações; na política, rígidos regimes policiais, extraordinário poderio militar, etc.
- 7.- Não menos clara é a posição segundo a qual o partido proletário não deve colocar reivindicações gradualistas e de restabelecimento e renascimento das formas liberais e tolerantes, nesta situação atual.

O erro do movimento proletário e, principalmente, da Terceira Internacional, consistente em assumir a posição oposta, impediu que fosse contraposta ao altíssimo potencial capitalista uma tensão revolucionária comparável.

A explicação desse segundo desabamento do movimento de clas-

se, mais grave que o do social-patriotismo de 1914, leva às difíceis questões da relação entre impulsos econômicos e luta revolucionária, entre as massas e o partido que deve dirigi-las.

- 8.- Assim como devemos refutar as posições dos grupos que subestimam a tarefa e a necessidade do partido na revolução, e que recaem em posições obreiristas ou, pior, hesitam sobre o emprego do poder de Estado na revolução, também devemos considerar como renegados aqueles que consideram o partido como o agrupamento dos elementos conscientes e que não discernem, nele, os necessários liames com a luta de classe física e o caráter de produto da história, bem como de fator desta, que o partido apresenta.
- 9.- Tal questão nos leva a restabelecer a interpretação do determinismo marxista, tal como foi construída na sua primeira enunciação, colocando em seu devido lugar o comportamento do indivíduo sob a ação dos estímulos econômicos e a função dos corpos coletivos, tais como a classe e o partido.
- 10.- Também é útil traçar, aqui, um esquema que explique a inversão marxista da praxis. No indivíduo, passa-se da necessidade física ao interesse econômico e à ação quase automática para satisfazê-lo; só depois é que se passa aos atos de vontade e, por fim, à consciência e ao conhecimento teórico. Na classe social, o processo é o mesmo; só que são enormemente aumentadas todas as forças que convergem na mesma direção. No partido, a contribuição de todas as influências individuais e de classe, vindas debaixo e nele confluindo, cria uma possibilidade e uma faculdade de visão crítico-teórica e de vontade de ação que permitem transmitir, a cada militante e a cada proletário, a explicação de situações e processos históricos, bem como as decisões de ação e de combate (vide Apêndice, figura VIII).
- 11.- Assim, enquanto o determinismo exclui, para o indivíduo, a possibilidade de uma vontade e de uma consciência que precedam a ação, a inversão da praxis o admite unicamente no partido, como o resultado de uma elaboração histórica geral. Portanto, se devemos atribuir ao partido vontade e consciência, devemos negar que ele seja formado pelo concurso da consciência e da vontade de um grupo de indivíduos, e que tal grupo possa se considerar, por pouco que seja, fora das determinantes físicas, econômicas e sociais existentes em todo o âmbito da classe.
- 12.- Portanto, não tem sentido a pretensa análise segundo a qual existem todas as condições revolucionárias, mas falta uma direção revolucionária. É correto dizer que o órgão de direção é indispensável; mas o seu aparecimento depende das próprias condições gerais de luta e nunca da genialidade ou do valor de um líder ou de uma vanguarda.

Essa clarificação das relações entre o fato econômico-social e o fato político deve servir de base para ilustrar o problema das relações entre partido revolucionário e ação econômica e sindical.

II - PARTIDO REVOLUCIONÁRIO E AÇÃO ECONÔMICA

Convém recordar qual foi a posição da Esquerda Comunista italiana com respeito às questões sindicais, passando, em seguida, a examinar as transformações havidas no campo sindical depois das guerras e dos totalitarismos.

- 1.- Quando o partido italiano ainda não tinha sido constituído, foram debatidas, no segundo Congresso da Internacional, duas grandes questões de tática: ação parlamentar e ação sindical. Ora, os representantes da corrente anti-eleitoral alinharam-se contra a chamada "esquerda" que propugnava a cisão sindical e a renúncia à conquista dos sindicatos dirigidos por oportunistas. Essas correntes, no fundo, collocavam o centro da ação revolucionária no sindicato e não no partido, pretendendo-o isento de influências burguesas (tribunistas holandeses, KAPD alemão, sindicalistas americanos, escoceses, etc).
- 2.- A esquerda de então combateu duramente aqueles movimentos, análogos ao do "Ordine Nuovo" de Turim, para os quais a tarefa revolucionária consistia no esvaziamento dos sindicatos em favor do movimento dos conselhos de fábrica, considerados como a trama dos órgãos econômicos e estatais da revolução proletária, iniciada em pleno capitalismo. Com isso, eles faziam uma grave confusão entre os momentos e os instrumentos do processo revolucionário.
- 3.- As questões parlamentar e sindical são de ordem bem diversa. É ponto pacífico que o Parlamento é o órgão do Estado burguês no qual se pretende que todas as classes da sociedade sejam representadas e que, como todos os marxistas revolucionários sustentam unanimemente, só pode servir de base, única e exclusivamente, ao poder da burguesia. A questão consiste em saber se a utilização dos mandatos parlamentares pode servir aos objetivos da propaganda e da agitação pela insurreição e pela ditadura. Os que se opunham a uma tal utilização do Parlamento sustentavam que, mesmo com essa única finalidade, a participação dos nossos representantes num organismo comum aos representantes burgueses tem um efeito oposto.
- 4.- Sendo associações econômicas profissionais, os sindicatos, quaisquer que sejam os seus dirigentes, agrupam sempre elementos da mesma classe. É bem possível que os proletários organizados nos sindicatos elejam representantes de tendências moderadas e, até mesmo, totalmente burguesas, e que a direção do sindicato caia sob a influência capitalista. Resta, todavia, o fato de que os sindicatos são compostos exclusivamente de trabalhadores; e, portanto, nunca será possível dizer deles aquilo que se diz do parlamento, ou seja, que eles são passíveis somente de uma direção burguesa.
- 5.- Na Itália, antes da formação do Partido Comunista, os socialistas recusavam-se a trabalhar nos sindicatos "brancos", dos católicos, e nos "amarelos", dos republicanos. Em seguida, os comunistas, diante da grande Confederação, dirigida predominantemente por reformistas, e da União Sindical, dirigida por anarquistas, decidiram, unanimemente e sem nenhuma hesitação,

não fundar novos sindicatos e, sim, trabalhar para conquistar, do interior, aqueles sindicatos a que ora nos referimos e lutar pela sua unificação. No plano internacional, o partido italiano unanimemente sustentou não só o trabalho em todos os sindicatos nacionais social-democratas, como também a existência da Internacional Sindical Vermelha (Profintern), a qual considerava a Central de Amsterdão uma entidade não-conquistável, já que ligada à burguesa Sociedade das Nações, através do Bureau Internacional do Trabalho. Sempre sustentando o princípio da unidade e da conquista interna dos sindicatos e confederações nacionais, a Esquerda italiana se opôs violentamente à proposta de liquidar-se o Profintern para constituir uma Internacional Sindical única.

6.- a) A atividade sindical proletária determinou uma política bastante diversa dos poderes burgueses, nas sucessivas fases históricas. Dado que as primeiras burguesias revolucionárias vetaram quaisquer associações econômicas, consideradas como tentativa de reconstituição das corporações anti-liberais da Idade Média, e dado que toda greve era, então, violentamente reprimida, todos os primeiros movimentos sindicais tomaram aspectos revolucionários. Desde esta época, o Manifesto advertia que todo movimento econômico e social leva a um movimento político e tem imensa importância, na medida em que amplia a associação e a coesão proletária, enquanto que as suas conquistas unicamente econômicas são precárias e não comprometem a exploração de classe.

b) Na época seguinte, tendo compreendido que lhe era indispensável aceitar que a questão social fosse colocada, precisamente para repelir a solução revolucionária, a burguesia tolerou e legalizou os sindicatos, reconhecendo a sua ação e as suas reivindicações; isto, no curso de todo o período, marcado pela ausência de guerras e por um relativo aumento do bem-estar, que se desenrolou até 1914.

Durante todo esse período, o trabalho nos sindicatos foi elemento primordial para a formação de fortes partidos socialistas operários, tendo sido evidente que estes podiam determinar grandes movimentos, principalmente com a utilização das alavancas sindicais.

O desmoronamento da II Internacional demonstrou que a burguesia tinha conquistado influências decisivas sobre uma grande parte da classe operária, através das suas relações e compromissos com os dirigentes sindicais e parlamentares, que, em quase todos os países, dominavam o aparelho dos partidos.

c) Na retomada do movimento, depois da revolução russa e do fim da guerra imperialista, tratou-se de fazer o balanço da desastrosa falência da organização sindical e política e tentou-se levar o proletariado mundial para o terreno revolucionário, eliminando os dirigentes políticos e parlamentares traidores através da cisão dos partidos e procurando conseguir que, através da sua atuação nas fileiras das mais amplas organizações operárias, os partidos comunistas delas eliminassem os agentes da burguesia. Frente aos primeiros e vigorosos sucessos em inúmeros países, o capitalismo foi obrigado, para impedir o avanço proletário, a golpear com a violência e a por fora da lei não só os partidos, como também os sindicatos em que estes trabalhavam. Todavia, no decorrer das complexas vicissitudes desses totalitarismos burgueses, nunca

foi adotada a abolição do movimento sindical. Pelo contrário, foi propugnada e realizada a constituição de uma nova rede sindical, plenamente controlada pelo partido contra-revolucionário e que, qualquer que tenha sido a forma por ela tomada, foi afirmada ser única e unitária e foi estreitamente ligada à engrenagem administrativa e estatal.

Mesmo onde, depois da segunda guerra, segundo a formulação política corrente, o totalitarismo capitalista parece ter sido substituído pelo liberalismo democrático, a dinâmica sindical continua a se desenvolver, ininterruptamente, no pleno sentido do controle estatal e da inserção nos organismos administrativos oficiais. O fascismo, realizador dialético das velhas reivindicações reformistas, efetivou a do reconhecimento jurídico do sindicato, de modo que este pudesse ser titular de contratos coletivos com o patronato, até chegar-se à prisão efetiva de toda a organização sindical nas articulações do poder burguês de classe.

Esse resultado é fundamental para a defesa e a conservação do regime capitalista, exatamente porque a influência e o emprego de organizações associacionistas sindicais é etapa indispensável a todo movimento revolucionário dirigido pelo partido comunista.

- 7.- Estas radicais modificações da relação sindical não decorrem, obviamente, apenas da estratégia política das classes antagônicas e de seus partidos e governos, mas estão, também, profundamente relacionadas com o novo caráter da relação econômica entre empregador e operário assalariado. Nas primeiras lutas sindicais, com as quais os trabalhadores procuravam opor ao monopólio dos meios de produção o monopólio da força de trabalho, a rudeza do antagonismo derivava do fato de que o proletariado, despojado, há tempos, de toda reserva de consumo, tinha como único recurso o salário quotidiano, todo conflito contingente levando-o a uma luta de vida ou morte.

É indubitável que, enquanto a teoria marxista da miséria crescente é confirmada pelo contínuo aumento dos proletários puros e pela apossadora expropriação das camadas sociais proletárias e médias, expropriação esta centuplicada pelas guerras, destruições, inflações monetárias, etc, e enquanto, em muitos países, o desemprego e o próprio massacre dos proletários atinge cifras enormes, em toda parte onde a produção industrial floresce, toda a gama das medidas reformistas de previdência e assistência ao assalariado cria, para os operários empregados, um novo tipo de reserva econômica que representa uma pequena garantia patrimonial a perder, análoga, num certo sentido, àquela do artesão e do pequeno camponês. O assalariado tem, portanto, algo a arriscar, e isto (fenômeno, aliás, já visto por Marx, Engels e Lênin, no que toca às chamadas aristocracias operárias) o torna hesitante e, mesmo, oportunista no momento da luta sindical e, pior ainda, no momento da greve e da revolta.

- 8.- Acima do problema contingente da participação ou não-participação do partido comunista revolucionário no trabalho em determinados tipos de sindicatos, num dado país, os elementos da questão até aqui resumida levam à conclusão de que, em toda perspectiva de todo movimento revolucionário geral, não podem deixar de estar presentes estes fatores fundamentais:

- 1) um amplo e poderoso proletariado constituído de puros assalariados;
- 2) um grande movimento de associações de conteúdo econômico que compreenda uma parte importante do proletariado;
- 3) um forte partido de classe, revolucionário, no qual milita uma minoria dos trabalhadores, mas ao qual o desenvolvimento da luta tenha permitido opor, válida e amplamente, no seio do movimento sindical, a sua própria influência à influência da classe e do poder burgueses.

Os fatores que levaram a estabelecer a necessidade de cada uma e de todas estas três condições, cuja eficiente combinação determinará o êxito da luta, foram dados pela justa colocação da teoria do materialismo histórico, que liga a primitiva necessidade econômica do indivíduo à dinâmica das grandes revoluções sociais; pelo justo enfoque da revolução proletária em relação aos problemas da economia, da política e do Estado; pelos ensinamentos da história de todos os movimentos associativos da classe operária, tanto no seu crescimento e nas suas vitórias, como nas suas corrupções e nas suas derrotas.

As linhas gerais da perspectiva aqui desenvolvida não excluem o fato de que se possa ter as mais variadas conjunturas na modificação, dissolução e reconstituição de associações de tipo sindical, de todas aquelas associações existentes nos diversos países, sejam elas ligadas às organizações tradicionais que declaravam basear-se no método da luta de classe, sejam elas mais ou menos ligadas aos mais diversos métodos e orientações sociais, até mesmo conservadores.

lições da
contra-revoluções

revoluções duplas

natureza capitalista
revolucionária da
economia russa

(reunião de Nápoles de 19 de setembro de 1951)

S U M Á R I O

- 1) Tanto o advento de formas de ditadura do capital, quanto a dissolução do movimento comunista internacional e a degeneração da revolução russa não são "surpresas da história" para cuja explicação deva ser modificada a linha teórica clássica do marxismo.
- 2) Piores que os que negam frontalmente o marxismo como teoria da história, são os que o consertam e remendam (pior ainda se tendo uma fraseologia não colaboracionista, mas extremista), pretendendo serem necessárias variantes e complementos críticos para corrigir os insucessos e impotências da teoria marxista. Estamos num evidente período de contra-revolução social e política, mas, ao mesmo tempo, de plena confirmação e vitória crítica.
- 3) A análise da contra-revolução na Rússia e a sua redução a fórmulas não é um problema central, para a estratégia do movimento operário, na retomada que se espera, já que não se trata da primeira contra-revolução: o marxismo conheceu e estudou toda uma série de contra-revoluções. Por outro lado, o oportunismo e a traição da estratégia revolucionária têm um curso diferente do da involução das formas econômicas russas.
- 4) Não só o estudo das contra-revoluções burguesas passadas, como também o das contra-revoluções feudais sofridas pela burguesia insurgida, levam a diferentes tipos históricos:
 - derrota militar e social total (guerra dos camponeses alemães em 1525);
 - derrota militar total, mas vitória social (derrota da França, em 1815, pela coalisão européia);
 - vitória militar, mas reabsorção e degeneração das bases sociais (aniquilação do capitalismo italiano, apesar da vitória das Comunas coligadas, em Legnano, contra o Império feudal).
- 5) Para classificar o tipo da contra-revolução russa, em que é patente não ter havido invasão e derrota militar levadas a cabo por potências capitalistas, é preciso examinar o tecido econômico russo e o seu evolver que, num duplo sentido, "tende" ao capitalismo.
- 6) Para fazê-lo, é ainda preciso restabelecer conceitos marxistas elementares:
 - a) definição do feudalismo como economia de produção parcelar e de troca não-mercantil;
 - b) definição do capitalismo como economia de produção em massa e troca totalmente mercantil;
 - c) definição do socialismo como economia de produção em massa e distribuição não-mercantil, limitada, mas já não-monetária, no estágio inferior, ilimitada, no estágio superior.
- 7) A luta de classe, na fase capitalista, é uma luta não pela simples redução do "quantum" de mais-valia, mas pela conquista e pelo controle social de todo o produto, do qual o trabalhador individual foi sangrentamente expropriado. A classe operária

luta para conquistar tudo o que hoje forma a riqueza e o valor dos equipamentos e da massa de mercadorias: o capital constante, ou seja, a herança do trabalho das gerações passadas, usurpado pela burguesia; o capital variável, ou seja, o trabalho das gerações presentes, exploradas, na maior parte, pela burguesia; a mais-valia, que é preciso reservar para as gerações futuras conservarem e ampliarem o aparelho produtivo, hoje monopólio da burguesia. Entrementes, todos estes três fatores são dilapidados pela anarquia capitalista.

8) O capitalismo de estado não é uma forma nova e de transição ao socialismo: ele é capitalismo puro e apareceu, com todas as formas de monopólio, no período da vitória da burguesia sobre os poderes feudais. No mais, a relação capital-estado está, em todas as fases, na base da economia burguesa.

9) A visão marxista da história iria por água abaixo se, ao invés de se reconhecer um tipo único de relação de produção capitalista (bem como de toda outra relação de produção precedente), que vai de uma revolução a outra, se admitisse diversos tipos que se sucedem.

10) A revolução russa devia ser, do mesmo modo que a revolução alemã de 1848, a conjunção de duas revoluções: a anti-feudal e a anti-burguesa. A revolução alemã fracassou em ambas as tarefas, na luta política e armada, mas, socialmente, prevaleceu a primeira: a da passagem às formas capitalistas. A revolução russa foi política e militarmente vitoriosa em ambas as tarefas e, por isso, mais avançada. Mas, econômica e socialmente, ficou no mesmo nível da revolução alemã, detendo-se na tarefa da industrialização capitalista do território controlado.

11) Depois da grande vitória política, poucos setores de economia socialista surgiram e, desde a época de Lênin, com a NEP, teve-se que renunciar a eles no interesse da revolução internacional. Com o stalinismo, renunciou-se à revolução internacional, intensificando-se a transição ao grande industrialismo na Rússia e, também, na Ásia. Elementos proletários, de um lado, feudais, do outro, tendem ao capitalismo.

12) Isto é o que resulta de uma análise da economia soviética, feita com base nos critérios precedentemente estabelecidos. A perspectiva de uma terceira guerra mundial, por sua vez, não é um problema central do novo movimento revolucionário. Se as duas cruzadas anti-fascistas convergirem (cruzadas de ambas as quais os núcleos proletários revolucionários deverão ser inimigos implacáveis) - a do ocidente num sentido democrático, a do oriente num sentido falsamente proletário -, a situação durante a guerra será contra-revolucionária. Ela será igualmente contra-revolucionária, durante um certo período, na hipótese de um acordo, em bases econômicas e territoriais, entre a Rússia e os países atlânticos. O método da sujeição colonial do país vencido na guerra assegurará, ao período pós-bélico, um equilíbrio contra-revolucionário, na medida em que o imperialismo mais aparelhado e de maior continuidade histórica vencer. Assim, como o pior desfecho da I Guerra mundial foi a vitória inglesa e o da segunda, a vitória anglo-americana, o pior desfecho da terceira seria a vitória americana.

RELATÓRIO DETALHADO

O relator relembra, inicialmente, a reunião de Roma, de 1-2 de abril de 1951 (1). A presente reunião não é mais que um desenvolvimento dela.

1) Roma: a primeira parte é consagrada ao restabelecimento dos conceitos marxistas contra inúmeras construções intelectualóides que pretendem que uma fase descendente sucederia a uma fase ascendente do capitalismo. A figura nº I, anexada ao resumo da exposição, mostra os dois erros contidos na dita deformação (fatalismo e reformismo), a nº II restabelece o significado real, de contínua ascensão, do capitalismo e deriva o choque revolucionário exatamente dessa ascensão.

A segunda parte foi dedicada à questão sindical. As citações de textos fundamentais, relidos em Roma, e a figura nº VIII mostram, de um lado, a concatenação dos impulsos fisiológicos com os interesses econômicos, a ação e, em seguida, com a consciência, no que concerne ao indivíduo, ao trabalhador, à classe, ao encaminhamento e confluência destes em direção ao partido; mostram, de outro lado, a inversão da praxis no partido de classe, em que é possível (e somente nele é possível), em determinados limites, que a consciência preceda a ação.

A exposição sobre a questão sindical tinha em vista o restabelecimento das posições marxistas sobre dois pontos fundamentais: o das determinantes econômicas e o das indispensáveis organizações sindicais, que recolhem esses impulsos e que constituem o fundamento da ação do partido de classe. E, para isso, valeu-se de citações de teses marxistas clássicas e da Esquerda italiana.

2) Depois da reunião de Roma, sentiu-se a necessidade de recapitular, para responder ao problema das cisões do stalinismo na Itália e na França, as posições essenciais a partir das quais podia-se conceber um reagrupamento internacional dos grupos que têm por base o marxismo revolucionário, posições estas que são nitidamente opostas às posições desses grupos cisionistas, que são, frequentemente, uma emanção direta ou indireta do pilar do imperialismo: os Estados Unidos da América (2).

3) Um projeto desse manifesto, que, devido à sua própria natureza, não podia ser de ordem pessoal, foi enviado a diversos camaradas. Foram feitas duas observações críticas a ele:

- 1ª - considerava-se insuficiente a primeira proposição do parágrafo 5 da "sinopse": declaração de que, na Rússia, "a economia social tende ao capitalismo".
- 2ª - não se aceitava que o imperialismo americano fosse qualificado de força fundamental da contra-revolução ou, mesmo, que se afirmasse como sendo objetivamente preferível a eventualidade pouco provável da sua derrota numa guerra.

(1) Vide, na presente brochura, a reunião sobre "Teoria e ação na doutrina marxista".

(2) Tais posições foram concisamente expostas no "Apelo para a reorganização internacional do movimento marxista".

4) Para respondermos a estas críticas, não podemos limitar-nos ao estreito quadro em que elas se colocam: tais críticas devem ser enquadradas no problema mais vasto do exame do atual processo contra-revolucionário. Isto nos leva a repor em seu devido lugar certas posições fundamentais do marxismo, aplicando-as a períodos de contra-revolução particularmente significativos, períodos estes relativos não só à classe operária, como também à classe burguesa e à primeira fase da sua história, a da sua constituição em classe dominante.

5) Deve-se, primeiramente, reagir, do modo mais enérgico, ao fato que, da crítica ao stalinismo, não se delinea uma cristalização de energias solidamente organizadas em torno das teses fundamentais do marxismo, mas sim uma deplorável confusão sobre os princípios, que, no entanto, deviam ser considerados como definitivamente estabelecidos. Exemplo detestável disso é o falatório sobre a terceira força ou a terceira classe, ao qual se deve responder que o marxismo deve ser aceito ou rejeitado em bloco: ele não precisa de concertos ou de remendos, os quais representam a pior das deformações da teoria revolucionária.

6) É preciso ter a maior prudência em relação ao problema russo. Se é verdade, por um lado, que o trabalho feito a partir do desenvolvimento da luta de classe permite confrontar as expressões fundamentais do marxismo com as novas expressões, por outro lado, é igualmente verdade que para se chegar a esse resultado, que alguns podem considerar por demais modesto ou insignificante, é preciso evitar a mania que tomou conta de muitos grupos e de muitos militantes: a mania que consiste em querer procurar a chave de problemas isolados do seu contexto geral e em acreditar tê-la achado com uma frase ou, pior, com uma receita. Repetimos que não se trata, no caso presente, do problema russo, mas do problema mais vasto e geral da contra-revolução.

7) Os fatos demonstram que devemos retornar do curso colegial, onde presumimos estar para tratarmos dos altos problemas relativos ao que acontece na Rússia, ao ginásial e, até mesmo, à escola primária, a fim de restabelecermos a noção de capitalismo e, mesmo, a de feudalismo, a primeira, aliás, só podendo ser compreendida corretamente em relação à segunda.

8) É falso e, por isso mesmo, incorreto pensar que o problema de saber "o que aconteceu e o que acontece na Rússia" possa ser encerrado na alternativa capitalismo ou socialismo, ou na outra alternativa que faria intervir o "remendo" da terceira força ou da terceira classe. É verdade que a crítica ao "tende ao capitalismo" reclama que seja precisado de onde parte no tender. Contudo, ela não deve levar-nos a limitar-nos ao problema russo, mas, ao contrário, a colocar este problema no quadro geral do exame da contra-revolução.

O marxismo não é a doutrina das revoluções, mas a doutrina das contra-revoluções. Todos sabem se orientar quando a vitória se afirma, mas poucos sabem fazê-lo quando a derrota vem, se complica e persiste.

9) Prova de que não se possa reduzir o problema russo a seus próprios limites é o fato de que Stalin, embora se coloque à esquerda de Lênin no campo da economia e das medidas a serem adotadas na Rússia, está bem à direita no campo da política interna e, sobretudo, internacional. Note-se que Lênin tinha cogitado até nes-

mo na entrada do capital estrangeiro na Rússia, mas nunca cogitara numa aliança com os Estados capitalistas, coisa que, no entanto, Stalin fez em 1939, com a Alemanha, em 1941, com a Inglaterra, e, depois, com os Estados Unidos. Os dois cursos, econômico e social, não coincidem.

10) Um primeiro tipo de vitória das contra-revoluções é aquele em que a derrota militar e política, longe de determinar o estancamento, é acompanhada pelo desenvolvimento da classe revolucionária no campo social e econômico. A Inglaterra, país já capitalista, se alia com as potências feudais e vence Napoleão; mas, através da Restauração de 1815, se assiste à consolidação da classe burguesa na França. As derrotas das revoluções burguesas de 1848 evocam, não a parada da ascensão da classe capitalista, mas sim o seu desenvolvimento.

11) Um segundo tipo é aquele em que a derrota militar e a derrota social da burguesia coincidem. A Guerra dos camponeses de 1525, na Alemanha, analisada por Engels, mostra a traição dos burgueses da cidade, que abandonam os camponeses à vingança e à repressão feudais. Disso resulta uma vitória política e social do feudalismo, que poderá permanecer no poder por mais três séculos, reforçando a forma social da servidão da gleba.

12) Um terceiro tipo é aquele em que a classe burguesa sofre uma derrota no campo econômico e social sem choque armado, sem derrota política. A queda das Comunas pode, por alguns dos seus traços, ser comparada à queda da revolução russa. Marx via nas Comunas da Itália e de Flandres a primeira afirmação da classe burguesa. Na Itália centro-setentrional, as Comunas têm uma grande eficiência, respondem de tal modo às possibilidades oferecidas a esta primitiva burguesia que nem os senhores locais, nem os exércitos da França e da Alemanha conseguirão dar cabo delas. A sua queda é determinada pela descoberta, no fim do século XV, das novas vias de comunicação e pelo contemporâneo deslocamento do centro da vida econômica.

13) Esses três diferentes tipos do desenrolar das contra-revoluções históricas mostram, de um lado, a impossibilidade de conectar, de um modo puramente formal, o processo econômico ao processo político e, de outro, a grande complexidade deste problema essencial, que é o da contra-revolução. Devemos explicar não o pretense enigma russo, mas sim o fato de que tivemos, depois da segunda guerra imperialista, o desenvolvimento da contra-revolução, ao invés de uma vaga revolucionária proletária. Devemos examinar a conduta da burguesia, a política do stalinismo e, sobretudo, devemos basear-nos no fato de que o capitalismo, instruído pelo primeiro após-guerra (a explosão revolucionária tem lugar nos países militarmente vencidos), ocupa e mantém a ocupação destes países vencidos. É este o exame que deve ser feito. E as hesitações em torno das questões de princípio ligadas ao problema sindical provam que é a isto que devemos nos ater.

14) No que concerne à classe proletária, a primeira derrota foi a de Babeuf, em 1796; depois, a de Paris e Lyon, em 1831, à qual seguiu a formação da Liga dos Comunistas (1836-1847); depois, a de 1848, à qual se seguiu a fundação da I Internacional, em 1864. Vieram, em seguida, o estrangulamento da Comuna de Paris, em 1871, seguido pela constituição da II Internacional, em 1889; a queda desta, em 1914; a vitória de 1917 e, enfim, a vitória da contra-

revolução, em 1928.

15) Depois desses referimentos históricos, é preciso proceder ao restabelecimento de algumas das posições fundamentais da doutrina marxista. Não devemos colocar, como problema essencial, o problema da análise das situações e o das perspectivas, como se de um século para cá o proletariado estivesse desprovido de ambas. A reunião de Roma se move nesse sólido terreno. Ela cristaliza, na figura II, a realidade do processo histórico que determina o choque revolucionário, e, na figura VIII, os conceitos fundamentais do desenrolar da luta social. E, se admite que essa luta assume novos aspectos na fase do totalitarismo capitalista, em que o Estado burguês funda os sindicatos, daí não deduz, porém, o desmentido dos princípios do marxismo, mas sim a sua confirmação, inclusive nesse setor, e enfoca os problemas atuais no âmbito da atual e temporária vitória da contra-revolução. A reunião de Roma pôs também em evidência a característica distintiva da nossa corrente, que, se foi anti-parlamentar, longe de ser anti-sindical, preconizou o mais amplo e sistemático trabalho nos sindicatos. Enfim, a reunião conclui que é inconcebível uma fase pré-revolucionária sem luta da classe proletária por interesses econômicos, sem organizações que abranjam amplas camadas de trabalhadores, sem um partido de classe que, embora organizando uma minoria do proletariado, exerça uma influência sobre o conjunto deste proletariado e se apoie nas determinantes econômicas e nas organizações sindicais.

16) É patente que a reunião de Roma não convenceu a todos. A atual exposição é feita para responder às exigências de uma explicação mais acabada dos conceitos fundamentais do marxismo, os quais são, mais uma vez, chamados à cena pela confusão ideológica e pela ameaça de aparecimento de desvios. A essência do problema é que, se temos as três fases da época capitalista (a revolucionária, a pacífica, a totalitária), temos, no entanto, um só critério de interpretação e um só tipo de capitalismo, através do qual ele vence, se desenvolve e, por fim, cairá. Não devemos esquecer que o reformismo começou justamente com a afirmação e a pretensão de provar que nada está parado, que tudo se transforma de modo molecular, que o capitalismo de 1895 não é mais o de 1789. O marxismo respondeu e responde que existem, de fato, momentos de crise, mas que estes momentos não originam diferentes tipos de capitalismo. A história é a história de tipos de formas de produção; e, em cada um desses tipos, com o crescimento das forças de produção, cresce, também, a resistência das formas de produção, a espessura da caldeira destas formas. O capitalismo é constante e não-flexível: ele não se adapta e se dilata, mas termina por despedaçar-se e destruir-se.

17) Temos fases, mas não tipos de capitalismo, se bem que o maquinismo real da sociedade não se caracteriza por um tipo puro, no tempo (que se estende imediatamente a todo o mundo) e no espaço (que elimina, automaticamente, todas as classes pré-existentes e vencidas no interior de cada país); ele se caracteriza, sim, por um tecido misto de diversas formas de produção, e Engels chega até mesmo a dizer que, em certas circunstâncias históricas, pode ser difícil distinguir a classe que detém o poder do Estado. Na Inglaterra, por exemplo, país altamente capitalista, coexistem não só numerosas formas de produção artesanal, mas até mesmo formas de produção pré-feudais, como acontece na Escócia. A mesma coisa acontece nos Estados Unidos, onde o Leste industrial coexis-

te com o Oeste preponderantemente agrícola.

18) As três fases da época capitalista (revolucionária, de consolidação, de defesa contra a ameaça da revolução proletária) não dão lugar ao desfile de modas que são úteis à burguesia para afastar a visão da derrocada revolucionária. É com a mesma definição do capitalismo que se explica o Cromwell de 1652, que se explica 1789, 1848 e o próprio Stalin.

Portanto, é preciso estabelecer com precisão as características discriminatórias e essenciais do tipo de relação de produção capitalista-burguês. E veremos que ele se apresenta de modo diverso na estrutura social dos diferentes países do mundo e nas diversas relações de influência e de luta com os tipos que o precedem e que o sucederão. São, principalmente, as diferentes relações históricas essenciais que nos fazem falar de diferentes fases: a fase burguesa revolucionária, em que a luta é contra as formas feudais e em que a aliança política com a nova classe operária, o quarto estado, é total; a fase intermediária, em que o capitalismo parece conceder as justas exigências legais dos trabalhadores; a fase contra-revolucionária, em que todas as suas forças são empregadas para impedir que o proletariado o destrua política e socialmente.

Para se compreender o que acontece quando uma tentativa proletária de conquistar o poder é rechaçada, não basta seguir o jogo das forças e organizações políticas, policiais ou militares: é preciso, também, traçar um quadro dos tipos históricos de economia social existentes no país considerado e indagar-se quais os que estão progredindo e quais os que não estão.

Assim, antes de decifrar a contra-revolução na Rússia, é preciso insistir bastante sobre as características principais do tipo capitalista de produção, voltando às bases dos principais textos marxistas. Mas nem mesmo isso é suficiente: é o caráter do pré-capitalismo clássico, do regime feudal, que será preciso "martelar". É o que nos propomos fazer no curso desta exposição (parágrafos 19 a 39).

19) Muitas vezes, em textos da esquerda, fizemos uma distinção entre as fases sucessivas da época capitalista; por exemplo: fase revolucionária, fase pacífica, fase totalitária.

20) Este conceito deve ser esclarecido e conciliado com a tese essencial do marxismo: o capitalismo é sempre o mesmo, do seu nascimento à sua morte.

21) A oposição existente entre as teorias evolucionistas e a nossa teoria revolucionária consiste no seguinte: para as teorias evolucionistas, cada tipo histórico de sociedade se modifica gradualmente até transformar-se, insensivelmente, num tipo diferente; para a teoria marxista, um dado tipo de relações de produção não se modifica, desde quando surge de uma explosão revolucionária, suscitada pela alta tensão das forças produtivas, até a explosão seguinte, em que as novas forças de produção, por ele suscitadas, o aniquilam.

22) Portanto, uma vez bem esclarecida a oposição entre o sistema de relações de produção pré-capitalista e feudal e o sistema burguês, as mesmas características definem todo o período histórico que se estende até a clara oposição seguinte, entre relações de produção burguesas e sociedade socialista. Não existem sub-espé-

cies do tipo social burguês ou capitalista.

23) Para bem se entender esse enunciado, não se deve esquecer que, se a revolução burguesa já tende a se realizar contemporaneamente no mundo inteiro e se uma revolução proletária tende a isto muito mais acentuadamente, sempre existem, entretanto, situações bastante diferentes nas várias partes do mundo habitado.

24) É óbvio, portanto, que se deva ter presente, no exame dessas situações:

- 1º - a coexistência, no mesmo país, dos diferentes tipos fundamentais de técnica produtiva (servidão da gleba, pequena lavoura livre, artesanato livre, indústria e serviços coletivos);
- 2º - a coexistência, por outro lado, das diferentes classes sociais, que são sempre em maior número que as duas protagonistas da época histórica em curso;
- 3º - a relação de forças política, que depende da classe que é preponderantemente armada, autônoma e subjugadora das outras.

25) Assim, quando se examina o curso histórico da época capitalista em dados países, grupos de países ou continentes, etc, distinguimos, indubitavelmente, uma sucessão mais ou menos complicada de diversas relações de força (e, antes de mais nada, de extensão e restrição dos setores dos vários tipos produtivos), mas também a uma série de avanços e recuos, tanto sociais como políticos, da mesma classe, na sua luta para realizar o tipo de relações de produção que lhe é próprio.

26) Nas sucessivas épocas históricas de dominação da burguesia (por exemplo, na França, na Inglaterra, na Europa, etc), se apresenta, pois, uma série de diferenças quanto à difusão do industrialismo, quanto à resistência e à liquidação da antiga classe feudal, quanto à formação dos grandes estados territoriais, quanto, enfim, à resistência contra a presença ameaçadora do proletariado revolucionário.

27) É, pois, um problema fundamental para a teoria, a organização e a estratégia do partido revolucionário proletário entender plenamente todos estes aspectos, estas mudanças e suas inumeráveis combinações nos vários lugares e tempos sucessivos.

28) Todavia, em coerência com a sua visão da história e do determinismo das ações coletivas, o partido proletário coloca nos mesmos termos, durante todo o curso, a definição das características da sociedade capitalista, a condenação e a superação dela.

29) Entre as distinções sociais e políticas de fases sucessivas, deve-se também levar em consideração o arsenal ideológico da classe burguesa, que lhe serve desde o início das suas lutas revolucionárias e cujo emprego reflete as sucessivas modificações que derivam do fato de a burguesia tornar-se classe autônoma, dominante e, por sua vez, contra-revolucionária.

30) A definição das características do capitalismo é completa e definitiva desde o Manifesto do Partido Comunista e dos escritos que já contêm, exatamente, a doutrina econômica desenvolvida no Capital. Postergando o estudo de toda diferença contemporânea e futura de desenvolvimento histórico, a análise econômica marxista examina as leis da produção capitalista tais como decorrem das

próprias hipóteses do adversário burguês: plena igualdade de todo cidadão no campo do direito; plena, livre e igual faculdade de cada um aceder às trocas no mercado. Com essa análise, Marx demonstra, uma vez para sempre e irrevogavelmente, que a entrada em vigor de tal sistema não significa, absolutamente, o abrir-se de uma fase de equilíbrio em que a humanidade poderia por-se à vontade, mas constitui a ascensão ao poder de uma classe dominante precisa, contra a qual choques e crises revolucionárias serão suscitadas. O tipo capitalista de produção nunca apresentou e nunca poderá apresentar características imprevistas, diferentes das que foram estabelecidas nessa definição inicial. Se tal fato fosse experimentalmente estabelecido, o marxismo, como ciência da história, deveria ser rejeitado em todo o seu conjunto.

31) Economias pré-capitalistas apresentaram concentrações de massas de forças produtivas, como homens, instrumentos de trabalho, aprovisionamento de víveres, grandes extensões de terra. Em geral, destas massas de forças produtivas, só eram propriedade privada os homens (escravos) e a terra (Roma antiga), mas nunca a massa dos instrumentos de trabalho, mesmo que primitivos. Mais frequentemente, estas massas de forças produtivas dependiam de poderes estatais ou militares: senhores, chefes militares, reis, repúblicas e, às vezes, teocracias.

32) O tipo de produção diretamente pré-capitalista é o tipo feudal. Depois de termos lembrado que nenhum tipo está presente sozinho num espaço e num tempo dado, definiremos o tipo feudal como o tipo de produção caracterizado pelo parcelamento de todas as forças produtivas e pela ausência da concentração em massa das mesmas. Na agricultura (à parte as terras virgens, reservas de caça e coisas semelhantes), temos a pequena-exploração confiada ao servo e sua família. Cada servo dispõe dos produtos do pequeno lote, mas deve uma parte dos mesmos (ou uma parte do seu tempo) ao senhor feudal, ao qual é ligado por uma verdadeira divisão do trabalho: o servo não pode afastar-se; o senhor, por sua vez, defende o território e as pessoas contra inimigos predadores. É uma dependência pessoal. Temos, também, os camponeses parciários livres, donos de todo o produto; temos os artesãos, donos da sua oficina. O trabalhador parciário, força produtiva de base, controla as parcelas das outras forças produtivas (terra, matérias primas, instrumentos de trabalho) e controla, igualmente, a sua parcela de produtos, que ele consome ou troca integralmente.

33) Até esta altura, embora o dinheiro já possa constituir capital nas duas formas, comercial e usurária, pode-se declarar, marxistamente, que o dinheiro não é uma das forças de produção, mas é só um intermediário da troca. No tipo feudal puro, não se pode comprar nem vender terras ou massas de instrumentos de trabalho, como não se pode, também, empregar assalariados.

34) Recordamos estas coisas bem conhecidas para podermos definir as características do capitalismo: a terra pode ser comprada, ilimitadamente, com dinheiro; massas de instrumentos de trabalho e maquinarias, logo que descobertas, podem ser compradas, com dinheiro, pelo particular; a mesma coisa no que concerne às massas de matérias primas ou semi-trabalhadas. Enfim, podem ser compradas, com dinheiro, massas de forças de trabalho ou de tempos de trabalho. Para que isto seja possível, é preciso que os trabalhadores sejam livres e, portanto, que os senhores feudais sejam despojados de seus privilégios, que os pequenos camponeses sejam

privados de terra e de instrumentos de trabalho, os artesãos, da sua oficina, instrumentos de trabalho e matérias primas. Nestas condições, o dinheiro torna-se força produtiva, pois sempre pode assumir não só a forma de capital comercial ou bancário, como também a de capital fundiário ou industrial, segundo ele seja investido em terra, imóveis, equipamentos, máquinas, etc.

35) Já que, no tipo feudal, a possessão das forças produtivas é somente parcelar, sendo o privilégio feudal um direito pessoal e não um direito real sobre o homem físico (como no escravismo) ou sobre as coisas e as terras (como no direito romano), foi perfeitamente aceitável a definição do capitalismo como um sistema de propriedade privada dos meios de produção e da terra. Mais exatamente: de propriedade ilimitada, por oposição à propriedade parcelar.

36) Porém, o fato histórico essencial consiste na disputa sobre a massa dos produtos. Expropriados os trabalhadores parcelários dos seus lotes, os produtos, concentrados, então, em massas de mercadorias, estão à disposição da classe burguesa, que tem o monopólio da terra e do capital.

37) A teoria da economia burguesa consiste em sustentar que, tendo sido rompidos os limites das ordens fundadas sobre o nascimento ou a investidura, e quem quer que seja podendo aspirar a ser dono de terra ou de capital, atingiu-se um pleno equilíbrio na distribuição potencial da riqueza entre todos os que colaboram para a produção. Os fisiocratas, que defendiam o feudalismo, mesmo que em forma moderna, sustentavam que a fonte da riqueza era a terra. Os mercantilistas afirmavam que a fonte da riqueza era a troca de mercadorias. Os economistas da burguesia sustentaram que a fonte da riqueza era o trabalho, que as mercadorias não aumentam nem diminuem de valor na troca, enquanto que na produção industrial ou agrícola toda intervenção de trabalho que as transforme acrescenta valor a elas; e pretenderam que, quando o assalariado recebe dinheiro contra seu trabalho, tem lugar uma perfeita troca entre valores equivalentes e entre partes contrárias livres e iguais.

38) A confutação desta teoria está na teoria de Marx sobre a mais-valia. Ela mostra que o trabalhador parcelário, trocando o seu produto no mercado, obtinha todo o valor que a ele tinha acrescentado com seu trabalho, enquanto que o assalariado do regime capitalista, ao invés disso, obtém, com o seu trabalho, somente uma parte do valor que este seu trabalho acrescentou ao produto; e mostra que esse fenômeno é inevitável, em escala social, desde o momento em que o trabalhador parcelário foi violentamente privado dos seus instrumentos de trabalho e, em substância, do seu direito a uma parte dos seus produtos. A partir do momento em que o direito proíbe o assalariado de por as mãos, de qualquer modo que seja, numa parte dos seus produtos, por pequena que seja, uma série infinita e sempre violenta de expropriações acrescenta-se a esta expropriação inicial.

39) A primeira forma de afirmação da economia burguesa na época do poder feudal é a do capitalismo de estado. É nesta forma que ele se nos apresenta hoje, quando se mostra a ameaça da revolução proletária.

Como já dissemos outras vezes, contrariamente à versão que faz

acreditar na sujeição dos capitalistas ao Estado, é o capitalismo que subjuga, cada vez mais, o Estado aos seus interesses de classe. A burguesia tem, no Estado, o órgão do poder, através do qual impõe, com a força, as suas soluções; este Estado, com as suas múltiplas tetas, nutre as diferentes empresas capitalistas, enquanto suga o trabalho e o sangue dos pobres. Este caráter é comum tanto aos Estados Unidos, quanto à Rússia, e o nível de vida mais baixo dos trabalhadores da Rússia nos faz saber que é lá que esse processo atinge a sua mais alta tensão. Mas ele também se manifesta nos Estados Unidos, onde a figura central é representada pelo empresário, que liga a classe burguesa ao seu Estado. São os negociantes, e não os "rentiers", que são os expoentes da fase atual do capitalismo, estes vampiros que, como notou recentemente um ex-presidente dos Estados Unidos, o velho Hoover, ameaçam levar o regime a um desastre, por causa da sua fome insaciável. O funcionário é um simples intermediário, e não um fator, inclusive na fase atual do capitalismo.

40) Devemos estabelecer em termos corretos a nossa definição do capitalismo. Para melhor alcançarmos este objetivo, colocamos a sua relação exata com o sistema feudal. Devemos empregar, também, esse método comparativo para a definição da economia socialista, que poremos em relação com o capitalismo e com a sua forma de capitalismo de Estado.

41) Engels nota que, num regime feudal puro, o dinheiro não tem função econômica. É preciso não interpretar esta observação num sentido bitolado: o dinheiro que existia e pré-existia não era uma força de produção; ele se torna uma força de produção no regime capitalista.

42) Todos os regimes são de ordem mundial, mas não porque, em cada país, cada setor econômico seja, contemporaneamente, organicamente conforme ao tipo de sociedade que prevalece historicamente: muitas manchas de óleo (formas de produção precedentes) perduram, mas um só tecido conectivo capitalista as liga, hoje, através da troca de mercadorias; e esse tecido revela o tipo de organização social que domina no mundo habitado. Diferenças de fases no espaço e no tempo, portanto, mas nunca diversos tipos de capitalismo.

43) Como foi dito nos parágrafos de 19 a 38, o que caracteriza o feudalismo é a propriedade parciária, à qual corresponde uma gestão econômica e uma disposição também parciária dos produtos.

O que caracteriza o capitalismo é, ao contrário, a concentração da propriedade dos meios de produção, da massa dos produtos, da gestão econômica. O Estado capitalista assegura à classe burguesa a disposição e o monopólio dos produtos. É nisso que está o essencial, e é sobre essa base que se determina a disputa social e histórica: o controle das massas de produtos.

44) Marx, com objetivo puramente polêmico, retoma, dos economistas burgueses, a tese de um capitalismo em que capitalistas e assalariados intervêm no mercado em posição igualmente livre e demonstra, com a sua análise econômica do capital, que esse desenvolvimento livre levaria, não a um equilíbrio social, mas, de um lado, à concentração dos meios de produção e da massa dos produtos nas mãos da classe capitalista e, de outro lado, à miséria crescente dos trabalhadores. Mas, desde o primeiro momento, a luta é de ordem social, a sua dinâmica também não é entre catêgo-

rias econômicas, entre capital constante e capital variável; e as duas coisas não se encaixam: o proletariado não sabe a quanto monta o capital variável que ele reivindica, mas luta para obter uma quantidade superior de produtos e, portanto, um salário maior com um esforço menor.

A luta de classe unitária é uma luta por todo o produto. Enquanto o economista comum define o capital como o valor dos fundos da fábrica (valor das instalações, da maquinaria e do dinheiro a ser antecipado na aquisição de matérias primas e no pagamento dos salários), fórmula que se ajusta perfeitamente à da propriedade titular do "meio de produção", a economia marxista chama de capital todo o valor da massa do produto de um dado ciclo de trabalho: de um dia, de um ano ou das gerações (o "faturamento" dos contadores). Na doutrina da mais-valia, esse valor do produto se divide em três partes: capital constante, que é o valor da matéria prima trabalhada e dos diversos desgastes do equipamento; capital variável, que é o valor dos salários pagos; mais-valia, margem que se acrescenta aos primeiros dois termos, de tal modo que a soma dos três termos é o valor do produto no mercado, valor este que vai para o empresário. Como diz Marx, destruindo as ilusões lassallianas dos socialistas alemães, a luta do proletariado não é a luta pelo "fruto inteiro do trabalho" pessoal. Não se trata de conquistar somente o campo da mais-valia.

Por outro lado, numa economia coletivista, a "mais-valia" não será inteiramente destinada ao consumo: são necessários inúmeros serviços sociais úteis, bem como o novo investimento para o progresso produtivo. De fato, só uma parte da mais-valia é destinada ao consumo pessoal dos burgueses: a maior parte dela é empregada em novos investimentos. Mas o desastre da anarquia capitalista supera, de longe, a massa de mais-valia; este desastre consiste nas massas de produtos que são destruídos com todo o capital constante, variável e mais-valia.

A verdadeira luta proletária é a luta pela conquista social de todo o produto. O capital constante é fruto do trabalho das gerações passadas: ele deve ser arrancado das mãos da classe burguesa e ir para as do proletariado vencedor, ou seja, tendencialmente, para a sociedade sem classes. O capital variável é o trabalho dos elementos sociais ativos, ou seja, hoje, o da classe operária, amanhã, o da sociedade. A mais-valia tem sua fonte nas energias de trabalho atuais e nos recursos técnicos e organizativos, que também são heranças do passado e cuja disposição deve ser social. A classe operária no poder, primeiramente, e, depois, a sociedade sem classes, utilizarão toda a massa do produto antigo e imediato com fins gerais.

Antagonismo entre classes e entre as suas formações armadas e políticas, portanto, e não entre cifras que representem a repartição da riqueza entre as classes.

45) Já tendo relembrado os termos precisos da passagem do pré-capitalismo ao capitalismo, devemos, agora, precisar as características que distinguem a economia capitalista do pós-capitalismo. O pós-capitalismo é, para nós, há pelo menos um século, algo de exatamente definido. Em regra geral, podemos ver, em torno de nós, exemplos de economia pós-capitalista em funcionamento, do mesmo modo que existiam grandes manufaturas séculos antes da revolução burguesa.

Podemos citar, aqui, o que escrevemos em outro texto:

"Como disse outras vezes, temos até mesmo mais do que isso, temos verdadeiros elementos comunistas sob o poder capitalista. Por exemplo: o serviço dos bombeiros. Quando algo pega fogo, ninguém paga para apagá-lo; e se nada pega fogo, os bombeiros são igualmente nutridos. Digo tudo isto para combater a tese, cujo autor pouco importa, que assinala, como estágios sucessivos, o capitalismo privado, o capitalismo de estado (este como primeira forma de socialismo inferior), o socialismo superior e o comunismo.

O capitalismo de estado não é um semi-socialismo, mas um capitalismo como outro qualquer, ou melhor, é a resultante do capitalismo, segundo a teoria marxista da concentração, e é a condenação da teoria livre-cambista de um regime de produção permanente em que o admirável mecanismo da concorrência poria, sempre, uma fatia fresquinha de capital ao alcance de todos.

O título de posse do instrumento produtivo não basta para diferenciar o capitalismo do socialismo (ver o nosso texto Propriedade e Capital): é preciso considerar o fenômeno econômico integral, isto é, quem dispõe do produto e quem o consome.

Pré-capitalismo: economia dos produtores individuais; o produto pertence ao trabalhador independente, cada um consome o que produziu. Isto não impede que castas, ordens e poderes privilegiados retirem sobre-produto e, portanto, sobre-trabalho, em detrimento das multidões de trabalhadores parciais (às vezes, unidos em massa pela força, mas sem a moderna divisão de momentos produtivos).

Capitalismo: trabalho associado (em Marx, trabalho social), divisão do trabalho, produto à disposição do capitalista e não do trabalhador, que recebe dinheiro e compra no mercado o que lhe é necessário para manter sua força de trabalho. Toda a massa dos produtos passa pela forma monetária no curso da sua viagem, da produção ao consumo.

Socialismo inferior: o trabalhador recebe da organização econômica e social unitária uma quantidade fixa de produtos que são necessários à sua vida, e não pode receber mais que isso. A moeda acaba, subsistem os bônus de consumo não acumuláveis e que só podem ser destinados ao consumo. Cartão de provisão? Perfeitamente: o socialismo inferior é o cartão de provisão para todos, sem utilização de dinheiro e sem mercado.

Socialismo superior ou comunismo: em todos os setores, tende-se a abolir o cartão de provisão, e cada um retira aquilo de que necessita. Alguém irá assistir a cem filmes em seguida? Pode fazê-lo hoje mesmo. Telefonará aos bombeiros, depois de ter posto fogo na casa? Faz isso hoje em dia; mas, no comunismo, não haverá seguro contra incêndio. Em todo caso, no comunismo, assim como hoje, o serviço de manicômio é feito segundo a economia comunista pura: é gratuito e ilimitado.

Recapitulação

Pré-capitalismo	economia sem dinheiro, ou com emprego complementar do dinheiro. Produção parcelar.
Capitalismo	economia com o emprego total do dinheiro. Produção social.
Socialismo inferior	economia sem dinheiro e com carteira de provisão. Produção social.
Socialismo superior ou comunismo	economia sem dinheiro, nem carteira de apro-

visionamento. Produção social.

O capitalismo de estado, que seria uma cretinice chamar de socialismo de estado, está contido, inteirinho, no setor capitalismo.

46) Voltamos a todas essas noções fundamentais para explicar o desenrolar do atual processo contra-revolucionário, do qual fazem parte os acontecimentos sociais russos, que não podem ser examinados se não forem integrados no todo, já que, se forem analisados separadamente, levam os incautos a alterar a doutrina marxista, a admitir novas análises e novas perspectivas, com a intervenção de uma terceira classe, de um terceiro fator, e a cair, assim, na armadilha stalinista que formula funções permanentes para o Estado, não mais instrumento da classe mas gerador da classe, e abandona a noção do seu esvaziamento.

47) O nosso método de trabalho nos leva a martelar sempre em pregos já conhecidos e a estender a nossa investigação a setores cada vez mais amplos e diversos, no perímetro delimitado por esses pregos, nunca a proceder a inovações ou invenções.

48) Concorrência e monopólio não são noções antagônicas, mas sim complementares, inclusive no mercado e na troca, a primeira se desenvolvendo em direção ao segundo. É sobre a frente do monopólio que a classe burguesa se afirma: do monopólio dos meios de produção e dos produtos.

49) Para reagir contra a condição social que o capitalismo lhes impõe e que é favorecida pela sua dispersão, os trabalhadores instituem, através do sindicato, o monopólio da sua força de trabalho. Em consequência disto, o capitalismo deve desvendar a sua natureza, fundar os trustes e atribuir ao seu Estado funções não só policíescas, como também econômicas. Os sindicatos foram precedidos pelas associações de ajuda mútua, que recolhiam quotas dos assalariados para fins assistenciais, mas que ainda não reivindicavam aos capitalistas um maior salário. Nada de mais conservador. E, no entanto, o partido socialista penetrava utilmente nas tradicionais associações de ajuda mútua e, até mesmo, nas associações de caridade.

50) A formulação, contida no projeto de Manifesto, a propósito da economia russa que "tende ao capitalismo" deve ser esclarecida. O que aconteceu na Rússia? Aconteceu a regressão das primeiras características comunistas da economia, a inversão da política interna e internacional, a segunda não devendo, entretanto, decorrer inelutavelmente da primeira.

51) Em 1921, quando a Rússia estava isolada, por causa da ausência da vitória revolucionária em outros países, o nível das forças de produção tinha descido a um limite inferior ao mínimo, a transmissão dos produtos do campo para a cidade e vice-versa, que se tinha antes verificado, através do comunismo de guerra, não podia mais funcionar, porque o Estado proletário sofria a escassez tanto dos produtos da cidade, como dos do campo. Faz-se necessária a legalização do comércio livre, feito até então por traficantes e especuladores.

52) Lênin e o partido bolchevique instauram a NEP num conjunto econômico em que existem formas de produção nômades, patriarcais, feudais, burgueses e pequenos núcleos de economia socialista. A questão de se a NEP era capitalismo, Lênin respondia categorica-

mente que sim. E não podia ser de outro modo, já que a partir do momento em que o salário é pago em dinheiro e que, com este, compra-se os alimentos, tem-se o capitalismo. Isso não muda a natureza do Estado, que continua, porque pode continuar, a ser proletário, pois a sua natureza não resulta da estrutura da economia, mas sim da posição de classe e de força no desenrolar da luta revolucionária do proletariado internacional.

53) Lênin, que no campo econômico chegava a cogitar na entrada do capital privado estrangeiro na Rússia, com concessões de territórios inteiros, preconizava o fortalecimento do poder estatal para afrontar as reações sociais causadas pelas medidas da NEP e ganhar tempo para receber ajuda das revoluções operárias ocidentais.

54) É assim que o problema devia ser colocado. O trotskismo proclama a intervenção de um terceiro fator: a burocracia. Para nós, a atual situação na Rússia não apresenta nada de original, já que o capitalismo não é caracterizado pela existência de um proprietário privado, mas sim pela impossibilidade (devido à força do Estado) de a classe operária apropriar-se dos produtos e pelo pagamento de um salário em dinheiro. O processo econômico que nos levou à atual situação, em que o particular empresta ao Estado, em que o Estado é empresário, em que a dívida pública se dilata, em que a propriedade da casa é admitida, em que a casa é dada ao técnico, este processo não decorre da manobra social da NEP, mas sim da inversão que se verificou no campo político e na posição internacional do Estado russo. A NEP deixou o Estado nas mãos da classe operária, que já o detinha antes. As renúncias no campo econômico não comportavam necessariamente os erros de tática e de estratégia revolucionária, num primeiro momento, nem a reviravolta na posição de classe do Estado, no fim.

55) O socialismo não podia ser construído somente na Rússia, onde, todavia, a revolução proletária de Outubro tinha se juntado à revolução burguesa de fevereiro de 1917. Na Alemanha, em 1848, também foi tentada, em vão, a dupla revolução, burguesa e proletária; a revolução burguesa venceu no campo econômico e social, depois de burgueses e operários aliados terem perdido no campo político. Na Rússia, depois da dupla vitória, política e social, de 1917, teve-se a derrota social proletária, que pode ser datada de 1928. Restou a vitória social capitalista.

56) Não dispomos de material documentário para um exame detalhado da economia russa, mas temos indicações suficientes para emitir uma apreciação segura. Segundo as indicações do nosso estudo Propriedade e Capital, vemos o fator essencial da atual fase capitalista mundial na empresa (a empresa de construção civil fornece um sugestivo exemplo disto) que trabalha sem sede e sem equipamento próprio e estável, com um capital mínimo, mas por um lucro máximo. E pode fazê-lo porque subjugou o Estado, que distribui o capital e arca com as perdas.

O funcionário não é uma figura central, mas um simples mediador. Ante o corpo de funcionários do Estado está o dos escritórios das empresas, onde pululam consultores de todo tipo, que tratam de submeter o Estado aos interesses das empresas. Um mecanismo análogo, com formas exteriores e nomes bem diferentes, funciona na URSS. O simples fato de que as empresas de Moscou puderam dar o metrô de presente à cidade, dá para fazer uma idéia dos lucros altíssimos auferidos por aquelas empresas nas outras esferas.

57) O capitalismo na Rússia não apresenta nada de inédito. No que concerne à gestão estatal, ele se liga a inúmeros exemplos históricos, desde aquele já recordado das Comunas da Itália, onde, aliás, se afirmou a primeira forma de investimento estatal para a produção industrial (os particulares não podiam dispor de capitais necessários para a construção de navios: as Comunas o proviram); e, sempre assim, Estados e reis armaram as primeiras fro-
tas e fundaram as companhias imperiais, onde o capitalismo, qual gigante, preponderou! Temos, enfim, o recente exemplo das nacionalizações britânicas.

58) O tender ao capitalismo da economia russa tem, pois, um duplo sentido. As primeiras formas socialistas e comunistas, que surgiram depois da revolução de Outubro, degeneraram, involuíram, foram reabsorvidas. Temos, pois, uma economia proletária que vai degenerando durante vários anos (hoje em dia, totalmente degenerada e desaparecida) para dar lugar a formas mercantis e capitalistas.

Mas, ao mesmo tempo, todo o vasto campo da economia russa pré-capitalista, asiática, feudal, tende poderosamente ao capitalismo; e esta tendência é positiva e é, por sua vez, uma premissa da revolução socialista mundial. Os próprios Lênin e Trotsky viram essa necessidade e foram os pioneiros da eletrificação, único meio de a produção russa emparelhar-se com a do Ocidente, para melhor abater o imperialismo. Stalin pôs abaixo o plano internacional revolucionário, mas deu um enorme impulso à industrialização da cidade e do campo. Ou, mais exatamente: era esse um dado irresistível da situação social russa depois da queda do apodrecido arca-
bouço tzarista e boiardo. Lênin entreviu a possibilidade de o seu partido ser o portador da revolução política proletária no mundo e, entretanto, também da revolução social capitalista na Rússia: só com a vitória em ambas as tarefas a Rússia podia tornar-se economicamente socialista. Stalin diz que o seu partido realiza o socialismo somente na Rússia, mas, na realidade, seu Estado e seu partido reduziram-se a ser os portadores somente da revolução social capitalista na Rússia e na Ásia. Todavia, acima dos homens, estas forças históricas trabalham para a revolução socialista mundial.

Análoga avaliação deve ser dada à revolução chinesa. Também na China, operários e camponeses lutaram, em várias fases, por uma revolução burguesa, e não puderam ir além disso. A aliança das quatro classes - operários, camponeses, intelectuais e industriais - reproduz a aliança de 1789 na França e de 1848 na Alemanha, aliança que tem os papéis plenamente em regra com o marxismo, na doutrina e na tática. Todavia, a destruição do milenar arca-
bouço feudal do Oriente é um fator de aceleração da revolução proletária mundial, contanto que esta última leve a melhor sobre as metrópo-
les européias e americanas.

É velho e habitual lugar-comum do marxismo vulgar indagar quem é a pessoa que lucra e quem é que consome os frutos da exploração capitalista, esquecendo as inúmeras citações de Marx sobre a alma do Capital e a despersonalização do capitalista, para o qual a acumulação de mais-valia conta mais que a sua própria carteira e que a vida dos seus próprios filhos. Ora, por causa disso, parece insuficiente considerar que os beneficiários do fruto do capitalismo russo (dizíamos: não é o fruto que conta, mas toda a planta) são os "cripto-empresários" e os "cripto-negocistas", que, para nós, não são os funcionários da burocracia soviética, mas uma camada distinta. Aliás, na Rússia, como na Inglaterra de hoje em

dia, o simples mecânico de uma fábrica é um burocrata: todos são funcionários públicos.

Assim, devemos por em evidência que, apesar de todas as dissimulações, essa engrenagem, ou melhor, essa rede de canalização da riqueza se comunica com a rede do capital mundial. O próprio comércio exterior do Estado é uma balança que nunca pesa equivalentes, mas que rouba continuamente a massa trabalhadora soviética. Há, depois, o enorme impasse das manobras financeiras que se repercutem nos centros legais e ilegais da Ásia e da África. Há o "lend-lease", a ajuda americana dada aos países em guerra contra o Eixo, que ainda está sendo paga. Por fim, o "lend-lease" de milhões de cadáveres de proletários russos para vencer a Alemanha foi calculado, pelos americanos, como um negócio bem mais econômico que a produção da quantidade correspondente de bombas atômicas.

A coexistência e a emulação de hoje em dia, a patente aliança de ontem, a qual continha o pacto de dismantlar os partidos comunistas ocidentais, a entrada sem reservas nos blocos de libertação anti-fascistas são, de um lado, a confirmação da reviravolta política que levou à contra-revolução e, de outro lado, são fatias de mercado econômico e prêmio dado ao capital mundial, com o esforço imenso e a própria vida do trabalhador russo. Por isso, enquanto partido, poder e Estado, a degeneração não está ainda em curso, mas é um fato histórico consumado (e a viúva de Trotsky o constatou perfeitamente). A função histórica é paralela no campo econômico e político: implantação do capitalismo em todas as Rússias.

59) Com a derrota de Espartaco aos pés do Vesúvio, teve-se, de uma só vez, a derrota política e social dos escravos; e o regime social do escravismo permaneceu no poder. Mas a vitória das repressões posteriores de Diocleciano contra os cristãos, verdadeiros conspiradores políticos e de classe, não comporta a consolidação do regime escravista, mas sim a queda social do mesmo, sob o aspecto do triunfo da nova religião, e, em seguida dela, o advento do feudalismo medieval.

60) Quando nos perguntam por que Engels, depois da derrota de 1848, pos-se a escrever a "Guerra dos camponeses" e estudou a derrota da mesma em 1525, respondemos que é preciso compreender a contra-revolução para podermos preparar a revolução de amanhã. Hoje, nos compete fazer a mesma coisa, não isolando um setor ou um problema, mas enquadrando-o no contexto do conjunto.

Assim, no século passado, a burguesia pôde glorificar as suas múltiplas e recordadas derrotas precedentes ao construir a sua vitória final. Também assim, o proletariado (que, como diz Marx em "As lutas de classe na França", é "habilitado" ao seu triunfo no mundo não pela vitória, mas por uma série de derrotas), graças ao seu partido de classe, vencerá apresentando-se de novo tal como ele foi no princípio da sua luta e nas formas programáticas lapidares, insuperadas, porque insuperáveis, contidas no Manifesto do Partido Comunista.

Só se pode professar e defender a doutrina marxista, que define a história como uma sucessão de classes sociais, cada uma das quais é composta por um conjunto de homens com posição semelhante em relação às forças e aos sistemas de produção, na medida em que se pode provar que toda classe social teve uma tarefa e um programa contínuos durante todo seu curso histórico, desde as suas primeiras afirmações e batalhas. Assim, as reivindicações lançadas por

Cristo às turbas escravas ligam-se à queda do Império Romano e da sociedade clássica; assim, as primeiras reivindicações de liberdade cívica e camponesa se ligam à tomada da Bastilha e à revolução burguesa no mundo inteiro; e a bandeira agitada foi sempre a mesma. Ainda com maior razão, o proletariado moderno, o primeiro a libertar-se das formulações fideistas e idealistas das suas próprias aspirações, é uma verdadeira força histórica no sentido marxista, e não pode deixar de ser vitorioso, pois está provado e comprovado que, logo que ele surgiu da nova organização das forças produtivas, ele formulou seu objetivo histórico e o caminho, difícil e escarpado, que a ele conduz. Guerra, pois, à mania dos neo-marxismos e das "análises novas".

61) O fato de que fomos batidos, de que, por causa disso, estamos num período contra-revolucionário, nos explica porque somos poucos e, também, porque ocorrem confusões em nosso seio. Porém, isso não nos induz a falsificar a teoria do marxismo revolucionário admitindo a entrada, na cena social, de um terceiro protagonista, de uma nova classe. Não precisamos descobrir novos tipos, novos estágios, atribuir poderes novos ao capitalismo de estado, que, como já dissemos, não apresenta nada de original e foi, inclusive, a primeira forma através da qual a classe capitalista se afirmou pela primeira vez, na época das Comunas, em 1100.

62) Para complementar esta nossa exposição e para reforçar o oportuno alarme da Esquerda sobre a degeneração da política proletária, anexamos um esquema para representar as relações existentes entre a classe operária, as associações econômicas, o partido político de classe e os órgãos centrais do partido. As explicações a ele adjuntas mostram que as duas colocações que concordam com a fórmula do partido de massa, a stalinista e a trabalhista, têm a mesma raiz, já que substituem as determinações econômicas pela vontade dos indivíduos; mas, no fim das contas, o resultado a que chegam é o de impor aos indivíduos as decisões tomadas pela cúpula do partido (vide Apêndice, figura IX).

63) Um outro ponto deu lugar a dúvidas e a hesitações: qual é a nossa perspectiva? Uma, como sempre: a revolução proletária internacional, quando as condições para ela se realizarem, condições estas quase todas longínquas hoje em dia (vide Apêndice, figura VIII). No que concerne à atual perspectiva, três hipóteses parecem se apresentar: a absorção pacífica da Rússia pela América; a eclosão da guerra entre URSS e EUA, com a vitória de um ou do outro.

64) Já para a primeira guerra imperialista, a vitória do setor capitalista mais forte, a Inglaterra, que há 200 anos não conhece derrotas e que nunca conheceu invasões, determinava as condições menos favoráveis para o desencadeamento do ataque revolucionário do proletariado internacional. A derrota militar do mesmo teria podido dar lugar a um curso seguramente menos desfavorável. A mesma coisa é válida para a segunda guerra imperialista, terminada com a vitória do eixo Londres-Nova Iorque. E para a terceira? Não hesitamos em afirmar que a vitória dos EUA representaria a mais sinistra das eventualidades. É verdade que não contamos com forças de classe para intervir nestes formidáveis acontecimentos; é também verdade que devemos nos manter autônomos frente a ambos os poderes, igualmente anti-revolucionários, e que devemos combater tenazmente os dois "cruzadismos". Mas é verdade, enfim, que não podemos nos afastar da única apreciação conforme à doutrina

marxista: a de que a queda do centro do capitalismo comporta a queda de todo o sistema, enquanto que a queda do setor mais fraco pode deixar vivo o sistema burguês mundial, dado o método moderno de aniquilação militar e estatal do vencido e da sua redução ao colonialismo passivo. E é precisamente seguindo essa linha política que se pode impedir que o capitalismo absorva as reações, que se manifestam no seio do proletariado, contra a política do stalinismo e que se pode organizar essas energias no novo organismo que se fundará sobre os princípios do marxismo revolucionário, voltando a ser força ativa da história.

NOTA

A expressão "pequenos núcleos de economia socialista" (pg 26, parágrafo 52) deve ser entendida no duplo sentido - não estreita e friamente econômico, mas social e político - que:

1) foram introduzidos mecanismos de intervenção despótica sobre o direito de propriedade (requisições, etc) e de distribuição igualitária dos produtos (acionamento, etc), próprios sempre - como disse Trotzky - de toda "cidadela assediada", mas que só podem ser postos em prática, com inflexível rigor e sem atenuações, pela classe dos sem-reserva e pelo seu Partido, que exerce a ditadura; e foi instituída uma rede de "serviços sociais gratuitos", alguns dos quais (habitação, transportes) são compatíveis, sim, com o modo de produção capitalista, mas nunca foram nem nunca serão adotados em regime burguês;

2) graças à estatização da grande indústria, ao monopólio do comércio exterior e à implantação e administração de grandes empresas agrícolas empregando trabalho associado, o poder ditatorial proletário controla e dirige a economia em função das exigências e dos interesses da luta contra o inimigo interno na guerra civil e da extensão da revolução comunista mundial.

r e p o n d o o s
p i n g o s n o s i i

(No fio do tempo, "Battaglia Comunista",
nº11 de 1952)

CONTRA-TESES E TESES HISTÓRICAS

Contra-tese 1 - Por volta do início do século XIX, a sociedade está dividida em duas classes em luta: os burgueses, detentores dos instrumentos de produção, e os proletários assalariados.

Tese 1 - Segundo Marx, são três as classes nos países plenamente industriais: capitalistas da indústria, comércio e bancos; proprietários fundiários (o livre mercado das terras as torna um verdadeiro bem no mundo burguês); trabalhadores assalariados.

Em todos os países, mas sobretudo naqueles em que a indústria é pouco desenvolvida, e no período em que a burguesia ainda não tomou o poder político, estão presentes, em diversa medida, ainda outras classes, como a aristocracia feudal, os artesãos, os camponeses proprietários.

A burguesia, primeiramente, e os assalariados, em seguida, começam a ter um peso histórico em diferentes épocas, nos diferentes países: Itália, no século XV; Países Baixos, no séc. XVI; Inglaterra, séc. XVII; França, séc. XVIII; Europa Central, América, Austrália, etc, no séc. XIX; Rússia, no séc. XX; Ásia, hoje. Seguem-se a esses países diversíssimas áreas e alinhamentos de luta de classe.

Contra-tese 2 - Os proletários são e se mostram indiferentes nas lutas revolucionárias da burguesia contra os poderes feudais.

Tese 2 - As massas proletárias lutam, em toda parte, no terreno da insurreição, para derrubar os privilégios feudais e os poderes absolutos. Nos diversos países e épocas, uma parte principal da classe operária vê, ingenuamente, nas reivindicações burguesas democráticas, uma conquista efetiva também dos cidadãos pobres. Uma outra camada vê que os burgueses que sobem ao poder também são exploradores, mas é influenciada pelas doutrinas do "socialismo reacionário", que, por ódio aos patrões, pretende aliar-se com a contra-revolução feudal. A parte mais avançada do proletariado toma a posição correta: entre os patrões e os operários, que os primeiros exploram, não existem reivindicações ideológicas e "civis" comuns; porém, a revolução burguesa é necessária, seja para abrir o caminho ao emprego em larga escala da produção com base no trabalho associado, o que permite um novo nível de vida e um maior consumo e satisfação para a parte miserável da sociedade, seja para tornar possível, depois, uma gestão social - isto é, proletária, num primeiro tempo - das novas forças. Portanto, os trabalhadores se batem ao lado da grande burguesia contra a nobreza e o clero e, também (Manifesto do Partido Comunista), contra a pequena burguesia reacionária.

Contra-tese 3 - Onde contra-revoluções tiveram lugar depois da vitória burguesa (restaurações feudais e dinásticas), a luta não interessou aos trabalhadores, porque era travada entre dois inimigos seus.

Tese 3 - Em toda luta armada pela restauração (exemplos desta luta são as coalisões anti-francesas) e contra esta restauração (exemplos: as revoluções republicanas francesas de 1830 e 1848), o proletariado lutou, e devia lutar, nas trinchei-

ras ou nas barricadas, ao lado dos burgueses radicais. A dialética das lutas de classe e das guerras civis mostrou que essa ajuda era necessária para que a burguesia proprietária e industrial pudesse vencer. Mas, logo depois da vitória, esta mesma burguesia lançou-se ferozmente contra o proletariado, que queria vantagens sociais e poder. É essa a única via do suceder-se inevitável das revoluções e contra-revoluções. Aquela ajuda histórica insurreccional à burguesia é a condição para poder derrotá-la, um dia, depois de uma série de tentativas.

Contra-tese 4 - Toda guerra entre Estados feudais e burgueses, ou toda insurreição pela independência nacional diante do estrangeiro, foi indiferente à classe operária.

Tese 4 - A formação de Estados nacionais, com um máximo de homogeneidade racial e linguística, é a condição ótima para a substituição da produção medieval pela produção capitalista; toda burguesia luta com tal objetivo antes mesmo que a nobreza reacionária seja derrubada. Essa organização, principalmente da Europa, em Estados nacionais é, para os trabalhadores, uma etapa necessária, já que não se pode chegar ao internacionalismo, afirmado desde cedo pelos primeiros movimentos operários, sem a superação do localismo de produção, de consumo e de reivindicações, que é característico do tempo feudal. Assim, o proletariado, no seu interesse de classe, luta pela liberdade da França, da Alemanha, da Itália, dos pequenos Estados balcânicos, até 1870, época em que esta sistematização pode ser considerada como acabada. Enquanto dura a aliança na ação armada, desenvolve-se a diferenciação das ideologias de classe, e os trabalhadores se libertam das ideologias nacionais e patrióticas. Interessavam ao futuro do movimento proletário principalmente as vitórias contra a Santa Aliança, contra a Áustria, em 1859 e 1866, e, por fim, contra o próprio Napoleão III, em 1870; sempre interessavam, contra a Turquia e a Rússia. E, em contrapartida, eram condições negativas às derrotas (Marx e Engels em todas as suas obras; teses de Lênin sobre a guerra de 1914). Todos esses critérios se aplicam ao moderno "Oriente".

Contra-tese 5 - A partir do momento em que, em todo continente ou continentes de raça branca, os burgueses estão no poder, as guerras são de rivalidade imperialista. Não só nenhum movimento operário não tem interesses em comum com o governo em guerra e continua a luta de classe até o derrotismo revolucionário, como também o próprio resultado da guerra, numa direção ou noutra, não tem nenhuma influência sobre os desenvolvimentos futuros da luta de classe e da revolução proletária.

Tese 5 - Segundo Lênin, as guerras são imperialistas desde 1871 e depois do período de capitalismo "pacífico", e a sua aceitação ideológica é uma traição ao movimento operário. Por isso, em 1914, seja nos países da Entente como nos países germânicos, todo partido revolucionário devia agir contra a guerra e pela sua transformação em guerra civil, aproveitando, principalmente, a derrota militar.

Logo, toda aliança em ações armadas regulares ou irregulares ao lado dos burgueses está excluída. Entretanto, o problema dos diversos efeitos das soluções militares não deixa de ser considerado, e é tolice sustentar que sejam indiferentes as consequências de inversões que venham a ter lugar em forças de choque tão imensas. Em linha geral, pode-se dizer que é mais desfavorável

ao proletariado e à sua revolução a vitória militar dos Estados burgueses mais antigos, ricos e estáveis social e politicamente. Há uma razão direta entre o decurso desfavorável da luta proletária em 150 anos (razão esta que, no mínimo, triplicou o tempo calculado pelo marxismo para a vitória sobre a burguesia) e a constante vitória da Grã-Bretanha nas guerras contra Napoleão e, depois, contra a Alemanha. O poder burguês, na Inglaterra, é estável há três séculos. Marx fazia grande fé na guerra civil americana. No entanto, essa guerra teve como resultado não a formação de uma força capaz de bater a Europa, mas sim a de um contra-forte da potência inglesa, o qual tornou-se, gradativamente, o centro do capitalismo mundial, através de guerras levadas a cabo em comum, e não por meio de um conflito direto entre as duas potências.

Em 1914, Lênin indicou claramente que a solução mais favorável seria a derrota militar das forças armadas do Tzar, o que teria tornado possível o desencadeamento do choque de classe na Rússia, e lutou, com todas as suas forças, contra a consideração de que a pior hipótese fosse a vitória alemã sobre os anglo-franceses, atacando, porém, com igual força, os social-chovinistas alemães.

Contra-tese 6 - A revolução russa não teve outro caráter que o de desencadeamento da revolução proletária no ponto em que os burgueses são mais fracos e a partir do qual a luta pode se estender aos outros países.

Tese 6 - É óbvio que a revolução proletária só pode vencer internacionalmente e que pode e deve se iniciar onde a relação de forças é mais favorável, sendo puramente derrotista a tese de que a revolução deve começar no país de capitalismo mais desenvolvido, para ganhar, depois, os outros países. Mas, para bater a posição oportunista, a colocação marxista do ponto histórico é bem diferente.

Em 1848, Marx considera que, apesar das violentas lutas cartistas, a revolução de classe não explodirá partindo da industrial Inglaterra. Ele conta com que o proletariado francês possa lançar-se à luta, articulando-se com a revolução republicana. Sobre-tudo, ele considera como ponto de apoio a dupla revolução na Alemanha, onde ainda estão no poder as instituições feudais, e esboça, inclusive em precisas diretivas políticas, a manobra do proletariado alemão: primeiramente, ao lado de liberais e burgueses; logo depois, contra eles.

Durante pelo menos vinte anos -e, principalmente, depois de 1905, quando o proletariado russo surge em campo como classe-, os bolcheviques preparam uma perspectiva semelhante na Rússia. Essa perspectiva se baseia em dois elementos: decrepitude das instituições feudais que, por mais vil que seja a burguesia russa, serão atacadas, e necessidade da derrota que, como a derrota contra o Japão, dê a segunda oportunidade.

O proletariado e seu partido, estreitamente ligados em doutrina e organização com os partidos dos países já burgueses há muito tempo, projetam esta tarefa: tomar a peito a luta pela revolução liberal contra o tzarismo e pela emancipação dos camponeses contra os boiardos; e, porisso, a tomada do poder pela classe operária russa.

Muitas revoluções foram batidas na história. Algumas por não terem conseguido tomar o poder; outras por uma repressão armada que o retomou (Comuna de Paris); outras sem repressão militar, mas

pela destruição da trama social (Comunas burguesas italianas). Na Alemanha, a esperada revolução dupla venceu militarmente (e socialmente) a primeira etapa, mas fracassou na segunda. Na Rússia, a revolução dupla venceu todas as duas etapas militares da guerra civil, venceu a primeira etapa econômico-social, mas perdeu a segunda, isto é, a da passagem do capitalismo ao socialismo, não devido a uma invasão do estrangeiro, mas devido à derrota proletária internacional fora da Rússia (1918-1923). O esforço do poder russo é, hoje, realizado não na direção do socialismo, mas na do capitalismo, em marcha revolucionária sobre a Ásia.

A reviravolta histórica, que podia ter como centro a Alemanha de 1848 ou a Rússia de 1917, não pode ser representada como uma revolução interna nacional. E não é pensável que a China, por exemplo (a qual já está no caminho da passagem do feudalismo ao capitalismo), possa ter uma influência mundial análoga.

O ponto fraco para iniciar localmente a nova fase revolucionária internacional só podia resultar, a partir de então, de uma guerra perdida num país capitalista.

Contra-tese 7 - Embora seja evidente que a formação de sistemas totalitários de governo, em países capitalistas, nada tenha a ver com as contra-revoluções restauradoras a que se referem as teses 2 e 3, e seja uma consequência já esperada da concentração econômica e social das forças, e que, por isso, seja uma recaída na traição admitir a necessidade de um bloco proletário-burguês, para restaurar o liberalismo em economia e política, e adotar o método da luta de "partisans"; e embora seja também uma posição errada a de apoiar, em caso de choque entre Estados burgueses, o grupo contrário ao que se propõe atacar a Rússia, para defender um regime que, apesar dos pesares, deriva da vitória proletária, não se devia atribuir às soluções da segunda guerra mundial imperialista nenhuma influência sobre as perspectivas proletárias de classe e de retomada revolucionária.

Tese 7 - O fato de que toda posição "cruzadista", que considerava a guerra como um conflito de "ideologias" entre democracia e fascismo, fosse tão infame quanto a que considerava a guerra de 1914 como uma cruzada pela liberdade, civilização e nacionalidade, não esgota o problema histórico. Tais objetivos de propaganda encobrem, de ambos os lados, o objetivo de conquista de mercados e de poderio econômico e político. Isto é justo, mas insuficiente. O fim do capitalismo se manifestará como uma série de explosões dos sistemas unitários que são os Estados territoriais de classe. É este o processo que devemos distinguir e, se possível, apressar. E, desde a época das guerras imperialistas, está excluído que este processo possa ser apressado com uma solidariedade proletária política e militar para com as burguesias. Mas não deixa de ser importante decifrá-lo e adequar a ele a estratégia da Internacional dos partidos revolucionários. A política russa substituiu essa linha de princípio pela cínica manobra estatal de um novo sistema de poder, o que demonstra que tal sistema faz parte da constelação mundial capitalista. Daqui, o movimento da classe deverá duramente soerguer-se. E a primeira etapa é: entender.

Quando da eclosão da guerra, o governo de Moscou firmou um acordo com o governo de Berlim. Nunca será bastante difundida a crítica deste acontecimento, acompanhado pela mobilização de argumentos "marxistas" sobre a natureza imperialista e agressiva da guerra empreendida por Londres e Paris, da qual são convidados a não par-

participar os partidos ditos comunistas dos países dos dois blocos. Dois anos depois, o governo de Moscou se alia aos de Londres, Paris e Washington e realiza uma vasta propaganda para demonstrar que a guerra contra o Eixo não é uma campanha imperialista, mas sim uma cruzada ideológica pela liberdade e pela democracia.

É de grande importância para o novo movimento proletário não só estabelecer que, em ambas as fases, as diretivas revolucionárias são abandonadas, como também avaliar o fato histórico de que, com a sua segunda política, o Estado russo, ao mesmo tempo que ganhou forças e recursos para o seu avanço capitalista interno, contribuiu para a solução conservadora da guerra, evitando, com uma enorme contribuição de força militar, uma catástrofe pelo menos do Estado britânico, que, pela enésima vez, saiu incólume da tempestade bélica. Tal catástrofe era uma condição extremamente favorável para uma derrocada dos outros Estados burgueses, a começar por Berlim, para um incêndio da Europa.

Contra-tese 8 - No presente antagonismo entre América e Rússia (com os respectivos satélites), a única coisa a ser considerada é que ambas são imperialismos que devemos combater igualmente, excluindo-se que a vitória de um ou de outro -ou, então, o compromisso duradouro entre ambos- venha a determinar grandes diversidades de condições para a retomada do movimento comunista e para a revolução mundial.

Tese 8 - Tal equivalência e comparação, quando não se limita a condenar todo apoio aos Estados na possível terceira guerra, toda ação de "partisans" nos dois blocos e toda renúncia a ações derrotistas internas autônomas do proletariado, onde ele tiver forças para fazê-lo é uma posição não só insuficiente, como também desmiolada. Nunca poderemos ter uma visão da via pela qual a revolução mundial deve vir, visão necessária mesmo quando a história vier, depois, a frustrar as possibilidades favoráveis e sem a qual não pode existir um partido marxista, se não elucidarmos o porquê da ausência de uma luta de classe revolucionária entre proletários e capitalistas americanos (e, também, ingleses), exatamente onde o industrialismo é mais poderoso. Não é possível separar essa resposta da constatação do sucesso de todos os empreendimentos imperialistas e da exploração do restante do mundo.

Enquanto que o sistema de poder na América e na Inglaterra tem, como única exigência, a conservação do capitalismo mundial, estando preparado para isso graças a uma longa força viva histórica de movimento na mesma direção, e marcha, com passo calculado, para o totalitarismo social e político (outra premissa inevitável do choque antagônico final), e enquanto que, nos próprios satélites desse bloco há uma situação de avançado regime burguês, no outro bloco as condições são opostas, nele se encontrando os territórios europeus e extra-europeus onde a burguesia, mais recente, ainda luta, social e politicamente, contra os restos feudais e onde as formações estatais são jovens e têm uma ossatura menos consolidada. Por outro lado, esse bloco está reduzido a usar o engano democrático e de colaboração de classe só externamente, já tendo esgotado todos os recursos de governo unipartidário e totalitário, abreviando, assim, o ciclo histórico da dominação burguesa. Obviamente, ele será atingido pela crise se o gigantesco sistema capitalista, com centro em Washington, que controla 5/6 da economia madura para o socialismo e dos territórios em que existe um puro proletariado assalariado, for por ela atingido.

A revolução só poderá triunfar com uma guerra civil no interior

dos Estados Unidos, a qual seria adiada por um tempo mensurável em meios séculos no caso de uma vitória desse país na guerra mundial.

Já que o movimento marxista não degenerado é, hoje, mínimo, a sua tarefa não pode consistir em enviar maiores forças para minar, do interior, um ou outro sistema, coisa a que tenderia, em princípio. A sua tarefa fundamental, hoje, é a de reunir os grupos proletários, ainda tão exíguos, que compreendem como a política de Moscou e dos partidos que estão com Moscou colaborou em primeiro grau, durante trinta anos, para essa consolidação do poderio capitalista nos sistemas organizados de maior envergadura, dando, primeiro com a falsa política e, depois, com o subsídio de milhões e milhões de mortos, a principal contribuição para o sucesso da criminal sujeição das massas à perspectiva de bem-estar e de liberdade no regime capitalista e na "civilização ocidental e cristã".

O modo pelo qual o proletariado anquadrado por Moscou combate essa maldita civilização é, para esta, o melhor sucesso e a melhor garantia. E isso, igualmente no que concerne às previsões sobre a sorte de um ataque militar que poderia vir do Oriente.

CONTRA-TESES E TESES ECONÔMICAS

Contra-tese 1 - O ciclo de desenvolvimento da economia capitalista caminha na direção de uma contínua depressão do nível de vida dos trabalhadores, que só dispõem do mínimo necessário para a sua subsistência imediata.

Tese 1 - Permanecendo sempre imudada a doutrina da concentração da riqueza em quantidade cada vez maior em volume e menor em número, a teoria marxista da miséria crescente não significa que o sistema de produção capitalista não tenha aumentado enormemente a produção dos bens de consumo, rompendo a produção parcelar e o consumo realizado no interior de ilhas fechadas e aumentando, progressivamente, a satisfação das necessidades para todas as classes. A teoria marxista afirma que, ao fazer isso, a anarquia da produção burguesa dispende 9/10 das energias centuplicadas, expropria implacavelmente todas as camadas detentoras de pequenas reservas de bens úteis e, assim, aumenta enormemente o número dos sem-reservas que consomem, dia a dia, a sua remuneração, de modo que a maioria da humanidade é privada de defesa contra as crises econômicas, sociais e de aterradora destruição bélica, que são inerentes ao capitalismo, e contra a sua política de exasperada ditadura de classe, prevista há mais de um século.

Contra-tese 2 - O capitalismo é superado quando se consegue atribuir ao trabalhador a quota de mais-valia que lhe é subtraída (fruto integral do trabalho).

Tese 2 - O capitalismo é superado quando é entregue à coletividade trabalhadora, não a quota de lucro sobre os 10% consumidos, mas os 90% dilapidados pela anarquia econômica. Isso é realizado não com uma contabilidade diferente dos valores trocados, mas tirando aos bens de consumo o caráter de mercadorias, abolindo a moeda e organizando centralmente a atividade produtiva geral.

Contra-tese 3 - O capitalismo é superado por uma economia em que os grupos de produtores têm o controle e a gestão de cada uma das empresas e em que estas negociam livremente entre si.

Tese 3 - Um sistema de troca mercantil entre empresas livres internamente (como propugnam os cooperativistas, os sindicalistas, os libertários) não tem nenhuma possibilidade histórica e não tem nenhum caráter socialista. Ele é retrógrado inclusive em relação a muitos setores já organizados em escala geral no tempo burguês, como requerem o desenvolvimento da técnica e a complexidade da vida social. O socialismo, ou o comunismo, é a forma social em que a inteira sociedade é a única associação de produtores e de consumidores. Todo sistema baseado na empresa conserva o despotismo interno da fábrica e a anarquia do consumo do esforço de trabalho, hoje pelo menos dez vezes maior que o necessário.

Contra-tese 4 - Uma direção da economia pelo Estado e uma gestão estatal das empresas produtivas, mesmo não sendo socialismo, modifica o caráter do capitalismo que Marx estudou e, portanto, modifica a perspectiva da sua queda e determina uma terceira e inesperada forma de pós-capitalismo.

Tese 4 - A neutralidade econômica do Estado político foi, apenas, uma reivindicação dos burgueses contra o Estado feudal. O marxismo demonstrou que o Estado moderno não representa a sociedade inteira, mas sim a classe dominante capitalista. Com isso, disse, desde a primeira página, que o Estado é uma força econômica nas mãos do capital e da classe empresarial. Dirigismo e capitalismo de Estado são formas ulteriores de sujeição do Estado político ao capital empreendedor. Essas formas delineiam o previsto antagonismo aumentado das classes, antagonismo esse que não é um choque de números estatísticos, mas sim de forças físicas: o proletariado, organizado em partido revolucionário, contra o Estado constituído.

Contra-tese 5 - Dada a inesperada forma da economia, o marxismo, se quiser permanecer válido, deve procurar uma terceira classe que vai ao poder depois da burguesia, grupo humano de detentores de capital hoje desaparecido, e que não é o proletariado. Esta classe, que é a que governa e que tem privilégios na Rússia, é a burocracia. Ou, então, como se sustenta para a América, essa classe é a dos managers, isto é, a dos dirigentes técnicos e administrativos das empresas.

Tese 5 - Todo regime de classe teve a sua burocracia administrativa, judiciária, religiosa, militar, cujo conjunto é um instrumento da classe no poder. Mas os seus componentes não constituem uma classe, pois uma classe é o conjunto dos indivíduos que estão numa mesma posição em relação aos meios de produção e consumo. A classe dos proprietários de escravos já tinha começado a desmobilizar, não podendo nutrir os próprios servos (Manifesto), quando a burocracia imperial ainda reinava, ainda lutava contra a revolução anti-escravista e a reprimia sangrentamente. Os aristocratas já tinham conhecido, há muito tempo, a miséria e a guilhotina, quando as redes estatais, militares e clericais ainda lutavam pelo antigo regime. A burocracia, na Rússia, não pode ser definida sem um corte arbitrário entre os graúdos e o resto: no capitalismo de Estado, todos são burocratas. Essa pretensa burocracia russa - e, por seu lado, a "managerial class" americana - são

instrumentos sem vida nem história próprias a serviço do capital mundial, contra a classe trabalhadora. Os termos a que tende o antagonismo de classe respondem à perspectiva marxista dos fatos econômicos, sociais e políticos e a nenhuma outra velha perspectiva; menos ainda, a novas construções, frutos da atual atmosfera envolta em trevas.

CONTRA-TESES E TESES "FILOSÓFICAS"

Contra-tese 1 - Já que os interesses econômicos determinam a opinião de cada um, no seio da sociedade atual o partido burguês representa o interesse capitalista e o partido formado por operários, o socialismo. Todo problema se resolve, portanto, com uma consulta, não de todos os cidadãos, o que é a mentira democrática burguesa, mas de todos os trabalhadores que se acham numa mesma situação de interesses e cuja maioria vê claramente o seu futuro geral.

Tese 1 - Em todas as épocas, as opiniões dominantes, a cultura, a arte, a religião, a filosofia, são determinadas pela situação dos homens em relação à economia produtiva e pelas relações sociais que dela derivam. Assim, toda época, especialmente quando no seu ponto culminante e no centro do seu ciclo, vê todos os indivíduos tenderem a opiniões que não só não derivam de verdades eternas ou luzes do espírito, mas que, ademais, estão longe do próprio interesse do indivíduo, da categoria ou da classe, para serem, em larga medida, modeladas segundo os interesses da classe dominante e das instituições que a ela convêm.

Só depois de um longo e penoso antagonismo de interesses e de necessidades, só depois de longas lutas físicas provocadas pelos antagonismos de classe, é que se forma uma nova opinião e uma doutrina própria da classe subjugada, que ataca os argumentos de defesa da ordem constituída e enuncia a sua demolição violenta. Até muito tempo depois da vitória física, prelúdio do longo desmantelamento das influências e mentiras tradicionais, só uma minoria da classe interessada se acha em condições de por-se, com segurança, no caminho do novo curso.

Contra-tese 2 - O interesse de classe determina a consciência de classe, e a consciência determina a ação revolucionária. Entende-se por inversão da praxis a oposição entre a doutrina burguesa, segundo a qual cada cidadão deve ter, por motivos ideais ou culturais, uma opinião política e agir segundo ela, até mesmo contra seu interesse de grupo, e a doutrina marxista, segundo a qual os interesses de grupos e de classe de cada um ditam-lhe a sua opinião pessoal.

Tese 2 - A inversão da praxis, segundo a justa visão do determinismo marxista, significa que cada indivíduo age segundo determinações ambientes (que não são apenas as suas necessidades fisiológicas, mas também todas as inúmeras influências das formas de produção tradicionais) e só tende a ter uma "consciência" da sua ação e dos motivos da mesma, consciência essa imperfeita em diferentes medidas, depois de ter agido -o mesmo se dando com as ações coletivas, que surgem espontâneas e por efeito de condições materiais, antes de se tornarem formulações ideológicas-; enquanto que o partido de classe agrupa os elementos avançados da classe e da sociedade que possuem a doutrina do curso futuro. É, pois, unicamente o partido que é o elemento de intervenção ativa

que, no linguajar dos filósofos profissionais, seria chamado de "consciente" e "voluntário". Conquista do poder de classe e ditadura são funções do partido.

Contra-tese 3 - O partido de classe constrói a doutrina da revolução e, nos novos acontecimentos e situações, a transforma segundo as novas necessidades e as exigências da classe ou segundo as suas tendências.

Tese 3 - Uma luta histórica revolucionária de classe e um partido que a representa são fatos reais e não ilusão doutrinária, já que o corpo da nova teoria (que não é mais do que a discriminação das linhas mestras dos acontecimentos ainda não realizados, mas dos quais se pôde definir as premissas e as condições na realidade precedente) foi formado quando a classe apareceu historicamente numa nova disposição das formas de produção social. A continuidade, na mais ampla dimensão de tempo e de espaço, da doutrina e do partido de classe é a comprovação da justiça da previsão revolucionária.

Cada derrota física das forças da revolução é seguida por um período de perturbações que toma a forma de revisões de capítulos do corpo teórico, com o pretexto de existirem novos dados e acontecimentos.

Toda a perspectiva revolucionária só será um resultado válido caso e quando, no percurso realizado, se confirmar que, depois de cada embate perdido, as forças se reconstituem sobre a mesma base e sobre o mesmo programa, estabelecido quando da "declaração de guerra de classe" (1848).

Toda pretensão de realizar construções novas e diferentes da teoria equivale, para os marxistas, a uma confissão de deserção, como o demonstra, não uma elucubração filosófica ou científica, mas uma soma de experiências históricas tiradas da luta secular do proletariado moderno.

apêndice

p r e â m b u l o

As reuniões de Roma, de 1º de abril de 1951, e de Nápoles, de 1º de setembro do mesmo ano, foram completadas com a apresentação e o comentário dos quadros que aqui reproduzimos. As figuras de I a VIII são as da reunião de Roma; a figura IX integrou a de Nápoles.

Para uma utilização mais incisiva das figuras III a VII, que representam os esquemas da dinâmica social segundo as ideologias da classe dominante, ideologias com as quais o movimento revolucionário do proletariado acertou definitivamente as contas no plano teórico, devendo, contudo, acertá-las, ainda, no plano da luta prática, apresentamos as considerações que seguem.

Marx e Engels escrevem em A Ideologia Alemã, I, A (1846):

"A consciência nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente; e o ser dos homens é o processo real da sua vida. Se, em toda a ideologia, os homens e as suas relações aparecem invertidos, como numa câmara escura, tal fenômeno deriva do processo histórico da sua vida, assim como a inversão dos objetos na retina deriva do seu processo físico imediato. Exatamente ao contrário do que acontece na filosofia alemã, que desce do céu para a terra, sobe-se, aqui, da terra para o céu. Em outras palavras, não se parte do que os homens dizem, imaginam, representam, nem do que se diz, se pensa, se imagina, se representa que eles sejam, para daí se chegar aos homens vivos; mas se parte dos homens realmente ativos e, com base no processo real da sua vida, explica-se, igualmente, o desenvolvimento dos reflexos e dos ecos ideológicos desse processo de vida. As imagens nebulosas que se formam no cérebro do homem também são sublimações necessárias do processo material da sua vida, empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. Por conseguinte, a moral, a religião, a metafísica e toda outra forma ideológica, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, não conservam, por mais tempo, a aparência de autonomia. Elas não têm história, não têm desenvolvimento; mas os homens, que desenvolvem a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, juntamente com essa sua realidade, o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. No primeiro modo de considerar as coisas, parte-se da consciência como indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos e considera-se a consciência apenas como a consciência deles. Esse modo de considerar as coisas não é livre de pressupostos. Ele parte dos pressupostos reais e não os abandona um só instante. Os seus pressupostos são os homens, não os homens isolados e fixados de uma maneira imaginária qualquer, mas no seu processo de desenvolvimento real, que se produz em condições determinadas e é empiricamente constatável. Assim que esse processo de vida ativa é representado, a história deixa de ser uma

compilação de fatos mortos, como nos empiristas, que também são abstratos, ou uma ação imaginária, como nos idealistas".

O materialismo histórico-dialético, contrapondo-se às concepções iluministas e idealistas, não vê, portanto, a ideologia, isto é, a representação mistificada e invertida das relações reais, como o fruto de um erro a ser corrigido para abrir os olhos aos cegos, mas sim como a resultante necessária de um processo real correspondente a relações materiais, aquelas mesmas relações que a ideologia projeta na sua distorsão. Tal distorsão deriva necessariamente, por sua vez, da situação histórica das forças sociais que se exprimem na ideologia e que a impõem ao conjunto social, sendo a ideologia dominante sempre a ideologia da classe dominante. A concepção marxista rejeita, igualmente, a idéia iluminista do "engano consciente" dos líderes ideológicos ("os astutos sacerdotes"), já que a própria representação da ideologia -necessariamente fantástica, porque sublimação de um estado de coisas historicamente caduco- impõe-se, precisamente, como programa e superestrutura necessária de fatores e épocas sociais necessários. Assim, por exemplo, a ideologia burguesa se funda na conquista efetiva da liberdade dos trabalhadores em relação aos vínculos jurídicos e micro-proprietários feudais; a burguesia não pode, de modo algum, repudiá-la, porque, com isso, repudiaria a si mesma.

Mas o papel da ideologia, do mesmo modo que o das classes, sofre a dialética transformação antiformismo - reformismo - conformismo, ilustrada no nosso Tracciato d'impostazione (1). O proletariado, última classe a existir, é a única classe que tem o papel histórico de eliminar a si mesmo juntamente com todas as outras classes. Sua ideologia não é, por isso mesmo, uma ideologia que pode assumir caráter reformista e conformista, dando lugar a uma fixação supra-histórica do seu domínio, mas é ciência revolucionária e, aliás, ciência de espécie, não só porque o proletariado (como, no passado, outras classes) representa o futuro, mas porque esse futuro dará lugar, necessariamente, a uma sociedade de espécie, sem classes e sem os conflitos a elas correspondentes: salto de qualidade da pré-história classista à plena história humana.

A contraposição do marxismo às ideologias que se sucederam no passado e que, ainda hoje, em diferentes medidas, mantêm-se em cena é, portanto, rigorosamente histórica e dialética, o que não impede -mas, ao contrário, implica- que a ciência global com que ele se identifica seja a única capaz de reconstruir os processos reais existentes sob o invólucro ideológico, desvendando como a ideologia mistifica a realidade ao prescindir de todo "conhecimento" individual e coletivo. Dito isso muito sumariamente, passamos a ilustrar o sentido e o modo correto de emprego daqueles cinco esquemas que figuram a dinâmica social segundo as ideologias fundamentais com as quais o movimento revolucionário do proletariado teve e terá que acertar as contas, em diferentes planos, e aos quais contrapomos o esquema marxista da inversão da praxis (figura VIII).

(1) Este texto será publicado em português, numa próxima brochura, sob o título de Linhas mestras de orientação marxista. Nele mostramos que se pode distinguir, esquematicamente, três tipos de movimento, ou três fases atravessadas pelas classes na sua trajetória histórica: revolucionária (antiformista), reformista e conservadora (conformista), desenvolvendo esse que cessará com a vitória do comunismo, desenlace final da revolução proletária.

Figura III - esquema transcendentalista (autoritário)

Típico das religiões reveladas, do feudalismo e do absolutismo teocrático, também feito seu pela moderna sociedade capitalista. Essa concepção apela para uma divindade que, no próprio ato da criação, incutiu nos homens um espírito, o qual, encontrando-se em cada um dos indivíduos, assegura a igualdade "diante de Deus" - e, portanto, pelo menos no mundo ultra-terrestre - e garante um comportamento inspirado em princípios comuns de origem divina. O Estado, por sua vez, controlando a consciência e a atividade dos indivíduos, permite que a vida espiritual e física se desenvolva na sua ordem hierárquica, que espelha o plano "divino" revelado nas sagradas escrituras.

Figura IV - esquema liberal-democrático

Comum a expressões ideológicas bem diferenciadas, como o iluminismo, com as suas diferentes nuances (empirismo, sensualismo, materialismo mecanicista), o criticismo kantiano, o idealismo objetivo e dialético de Hegel, o positivismo, o neo-idealismo, o imediatismo libertário (Stirner, Bakunin) e reformista. Trata-se da mais pura elevação a princípio absoluto do "princípio democrático", baseado no Eu que, tanto como indivíduo quanto como "espírito do povo", "vontade coletiva", etc, possui, em si, no seu íntimo, as normas do seu comportamento. Isto pode levar, como acontece com os anarquistas, a negar o Estado, como não-representativo da vontade coletiva, e a substituí-lo pela "opinião social" ou abstrações do gênero, que têm a mesma função do Estado "ético" no pensamento burguês clássico, pensamento do qual elas são, aliás, emanações diretas.

Vida ética, vida econômica, vontade de agir no ambiente externo são a realização das forças de consciência e de racionalidade próprias ao "espírito humano" e presentes em todos os indivíduos ("igualdade diante da lei"). O Estado, bem como a organização social, em geral, é, pois, concebido como projeção e, ao mesmo tempo, como garantia da liberdade dos indivíduos, "é a realidade ética da Idéia".

Figura V - esquema voluntarista-imediatista

Típico da visão corporativa pequeno burguesa e, portanto, de formas oportunistas (proudhonismo, anarco-sindicalismo, obreirismo, ordonovismo, socialismo dos Conselhos) e reformistas (laburismo, etc). Evidentemente, ela se insere na concepção liberal, da qual representa uma variante. Nela, o indivíduo (que é, sempre, a base do processo) toma consciência dos impulsos físicos e econômicos que são o substrato da sua existência; essa tomada de consciência condiciona a vontade, a qual, por sua vez, condiciona a ação. A organização econômica e política resulta da confluência das tomadas de consciência individuais; a classe, por sua vez, é o resultado de uma rede formada pela soma e conexão das organizações imediatas (é, pois, noção desprovida de todo e qualquer sentido de orientação histórica, nunca de classe em si e para si, no sentido marxista da expressão).

Figura VI - esquema stalinista

Esquema da ideologia que deriva da contra-revolução stalinista. Também para ela, é o indivíduo que adquire a consciência, mas só depois de determinar a sua ação por uma livre "escolha", por uma

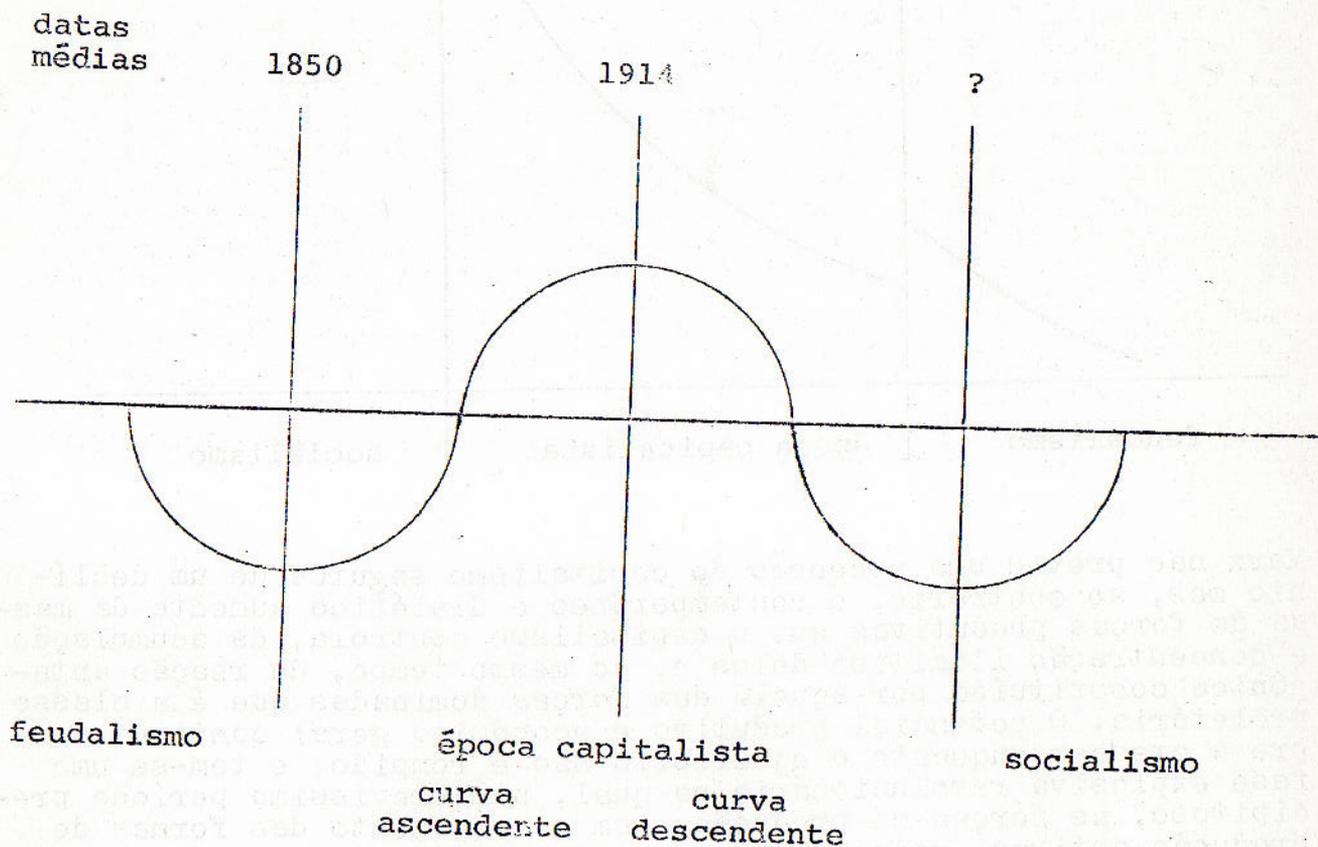
livre decisão. É característica dela a assimilação partido-Estado. Porém, já que os impulsos e os interesses econômicos chegam ao Estado-partido a partir do indivíduo e através da classe e são utilizados por esse falso "binômio" para as tarefas de decisão e de direção, com o objetivo de determinar orientações práticas e diretivas teóricas, é claro que, de fato, no "binômio", o partido perde todo significado e só subsiste para "justificar o Estado".

Figura VII - esquema fascista

O fascismo é, por definição, eclético, não tem uma doutrina própria. Todavia, exprime, ideologicamente, o seu papel de unificação das forças capitalistas (imperialistas), de realização do programa reformista e de mobilização das "classes médias", numa concepção análoga, não por acaso, à do stalinismo. O fascismo, do mesmo modo que o stalinismo, não pode abandonar alguns postulados ideológicos burgueses essenciais, tais como a equivalência jurídica dos indivíduos, a "vontade do povo", o caráter "popular" da sua dominação. Porém, substitui, como ponto de partida, o sujeito indivíduo pela "nação", pelo "povo" e, também, pela "raça", que recebe as motivações físicas em primeira instância (veja-se a concepção nacional-socialista da "terra e sangue") e que se exprime no Estado. O indivíduo é concebido como "receptor passivo" de impulsos éticos provindos do povo-nação e de impulsos voluntaristas e ativistas provindos do Estado-partido.

FIGURA I

ESQUEMA DA FALSA TEORIA DA "CURVA DESCENDENTE"
DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO CAPITALISMO



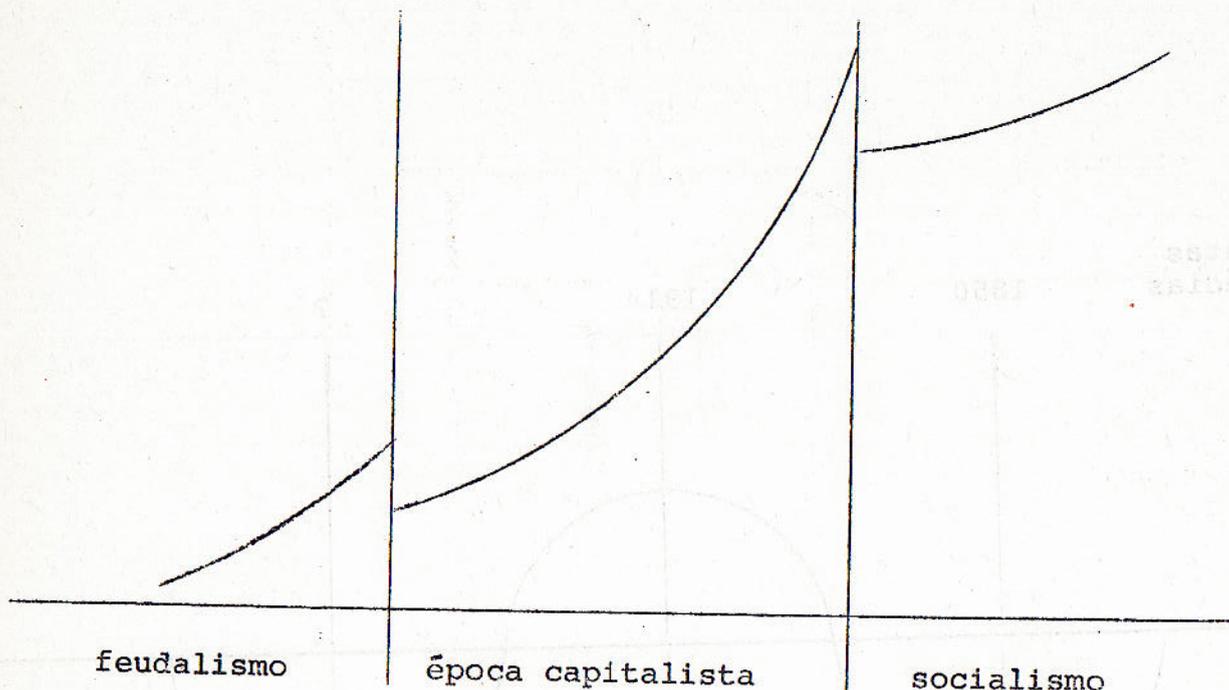
A habitual afirmação de que o capitalismo está no ramo descendente e não pode reascender contém dois erros: o erro fatalista e o erro gradualista.

O primeiro é a ilusão de que, uma vez o capitalismo tendo terminado de descer, o socialismo virá por si mesmo, sem agitações, lutas e choques armados, sem preparação de partido.

O segundo, expresso pelo fato de que a direção da trajetória capitalista se curva insensivelmente, equivale a admitir que elementos de socialismo penetram progressivamente no tecido capitalista.

FIGURA II

INTERPRETAÇÃO ESQUEMÁTICA DA SUCESSÃO DOS REGIMES DE CLASSE
NO MARXISMO REVOLUCIONÁRIO



Marx não previu uma ascensão do capitalismo seguida de um declínio mas, ao contrário, o contemporâneo e dialético aumento da massa de forças produtivas que o capitalismo controla, da acumulação e concentração ilimitada delas e, ao mesmo tempo, da reação antagonica constituída por aquela das forças dominadas que é a classe proletária. O potencial produtivo e econômico geral continua sempre a crescer enquanto o equilíbrio não é rompido; e tem-se uma fase explosiva revolucionária na qual, num brevíssimo período precipitoso, as forças de produção, com o rompimento das formas de produção antigas, recaem para se organizar de uma nova forma e retomar uma ascensão mais potente.

Diferença entre as duas concepções

A diferença entre as duas concepções representadas nas fig. I e II se exprime assim, na linguagem dos geômetras: a primeira curva, ou curva dos oportunistas (revisionistas tipo Bernstein, stalinistas emulativos, intelectuais revolucionários pseudo-marxistas) é uma curva contínua que "admite uma tangente" em todos os pontos, isto é, que procede, praticamente, por variações imperceptíveis de intensidade e de direção. A segunda curva, com a qual quisemos dar uma imagem simplificadora da tão esconjurada "teoria das catástrofes", apresenta, em cada época, pontos que, na geometria, chamam-se "pontos singulares". Em tais pontos, a continuidade geométrica - e, portanto, a gradualidade histórica - desaparecem: a curva "não tem tangentes", ou, então, "admite todas as tangentes", como na semana que Lênin não quis deixar passar.

É preciso notar apenas que o sentido geral ascendente não pretende ligar-se a visões idealistas sobre o indefinido progresso humano, mas sim ao dado histórico do contínuo aumento da massa material das forças produtivas no suceder-se das grandes crises históricas revolucionárias.

FIGURA III
 ESQUEMA TRANSCENDENTALISTA (AUTORITÁRIO)

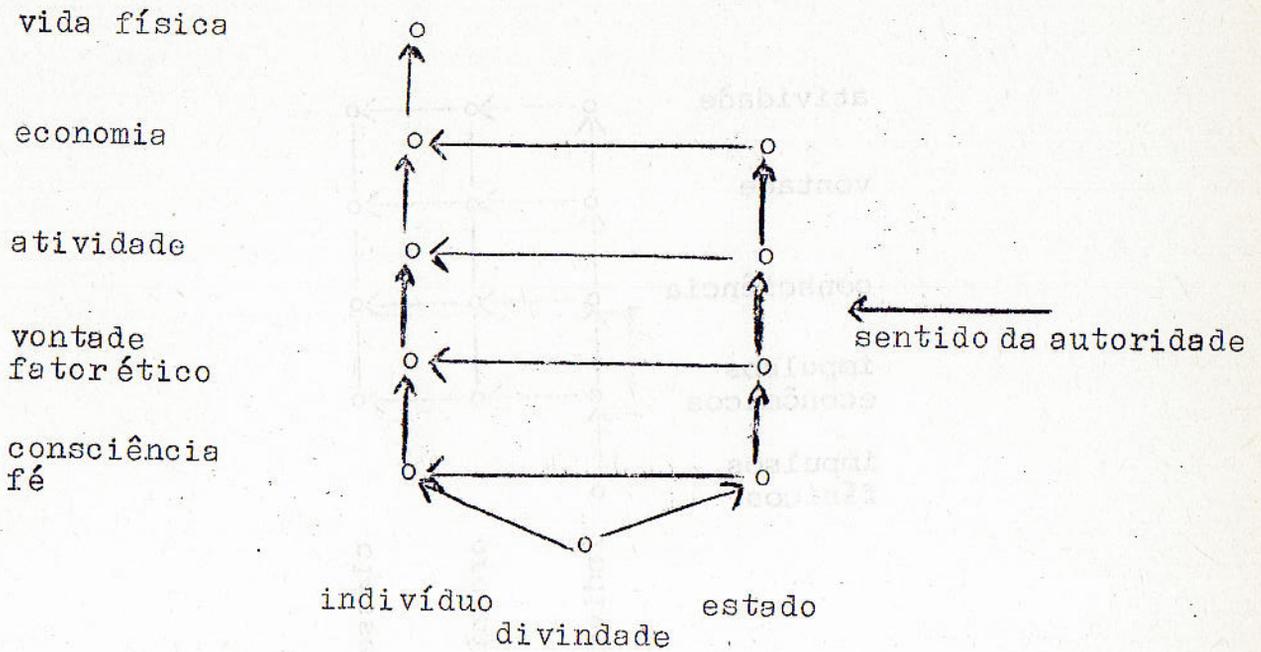


FIGURA IV
 ESQUEMA LIBERAL-DEMOCRÁTICO

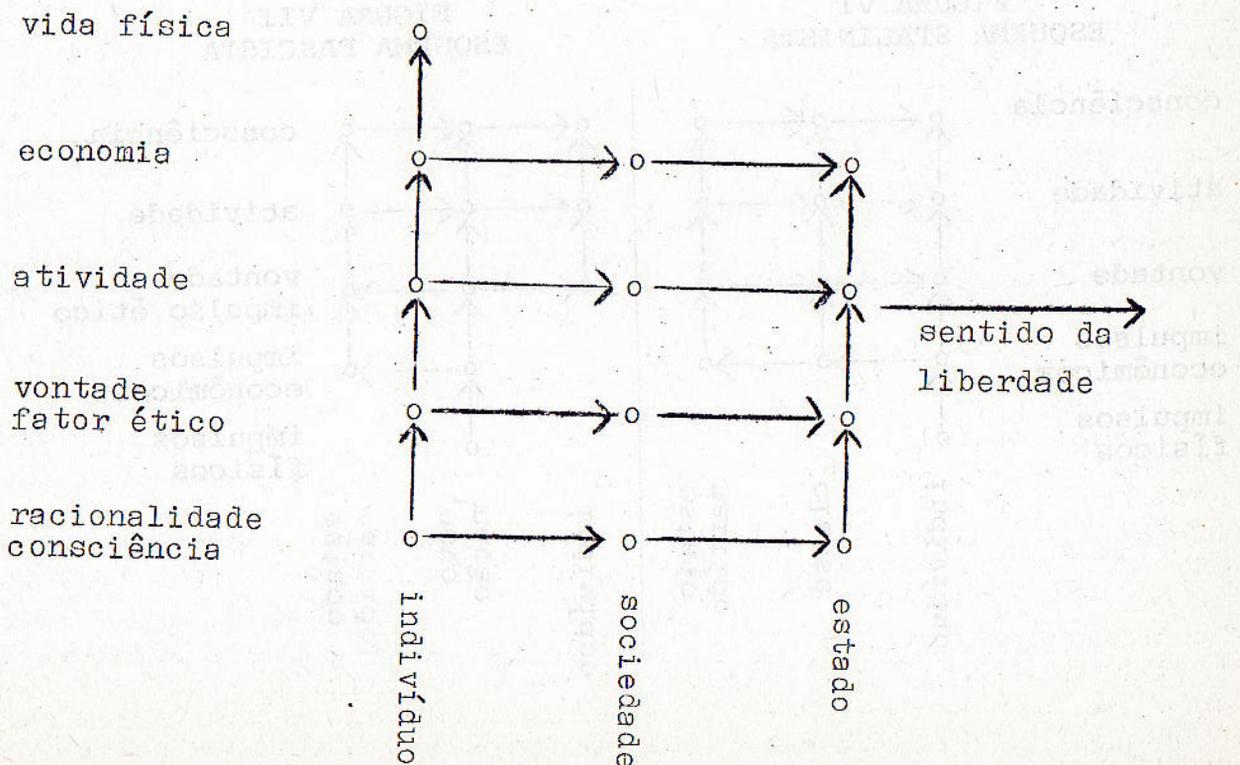


FIGURA V
ESQUEMA VOLUNTARISTA-IMEDIATISTA

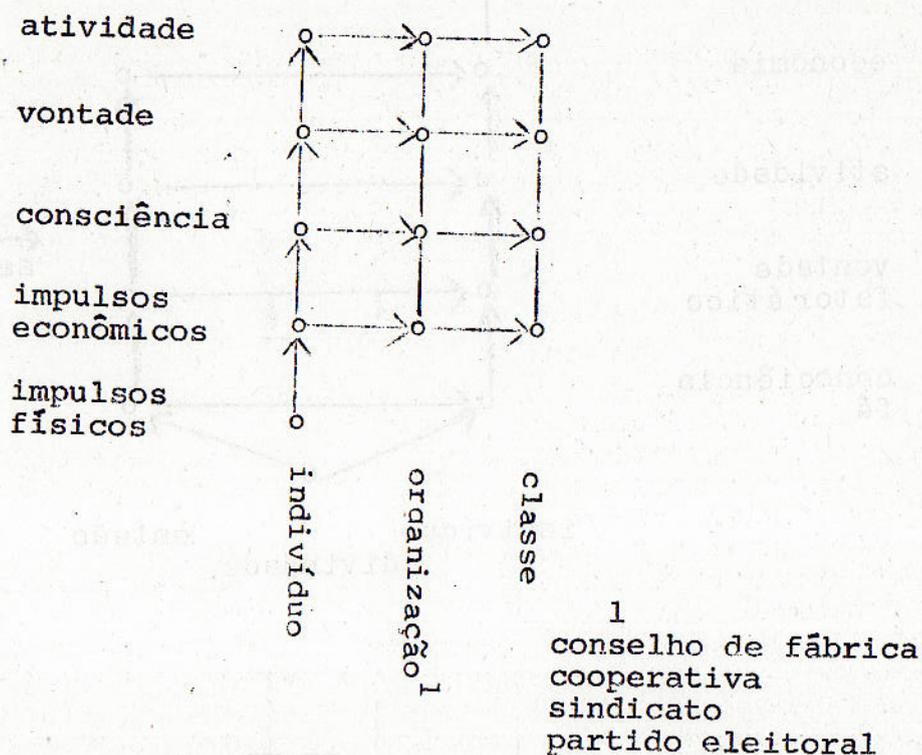


FIGURA VI
ESQUEMA STALINISTA

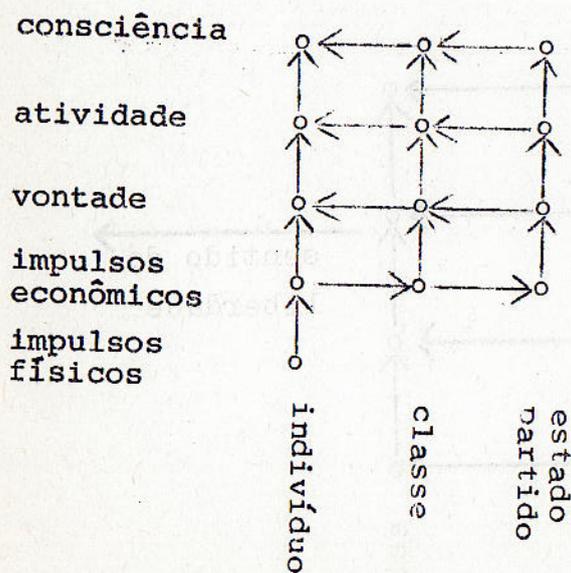
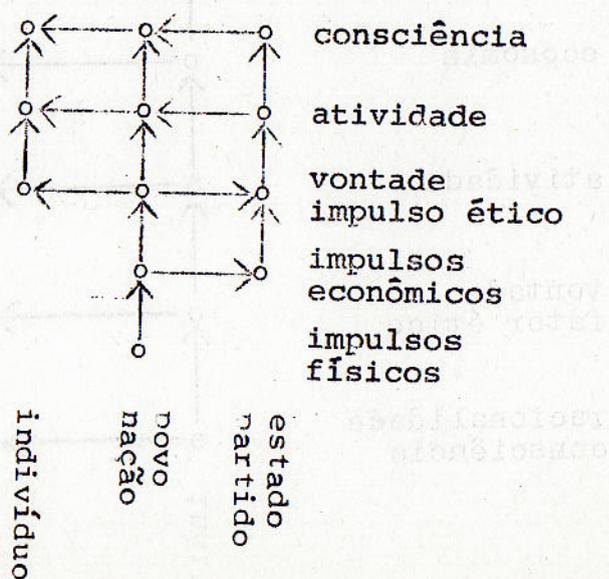


FIGURA VII
ESQUEMA FASCISTA



COMENTÁRIOS ÀS FIGURAS III, IV, V, VI E VII

As figuras III e IV, bem como as figuras V, VI e VII, são apresentadas juntas, já que possuem, na sua diversidade, denominadores comuns.

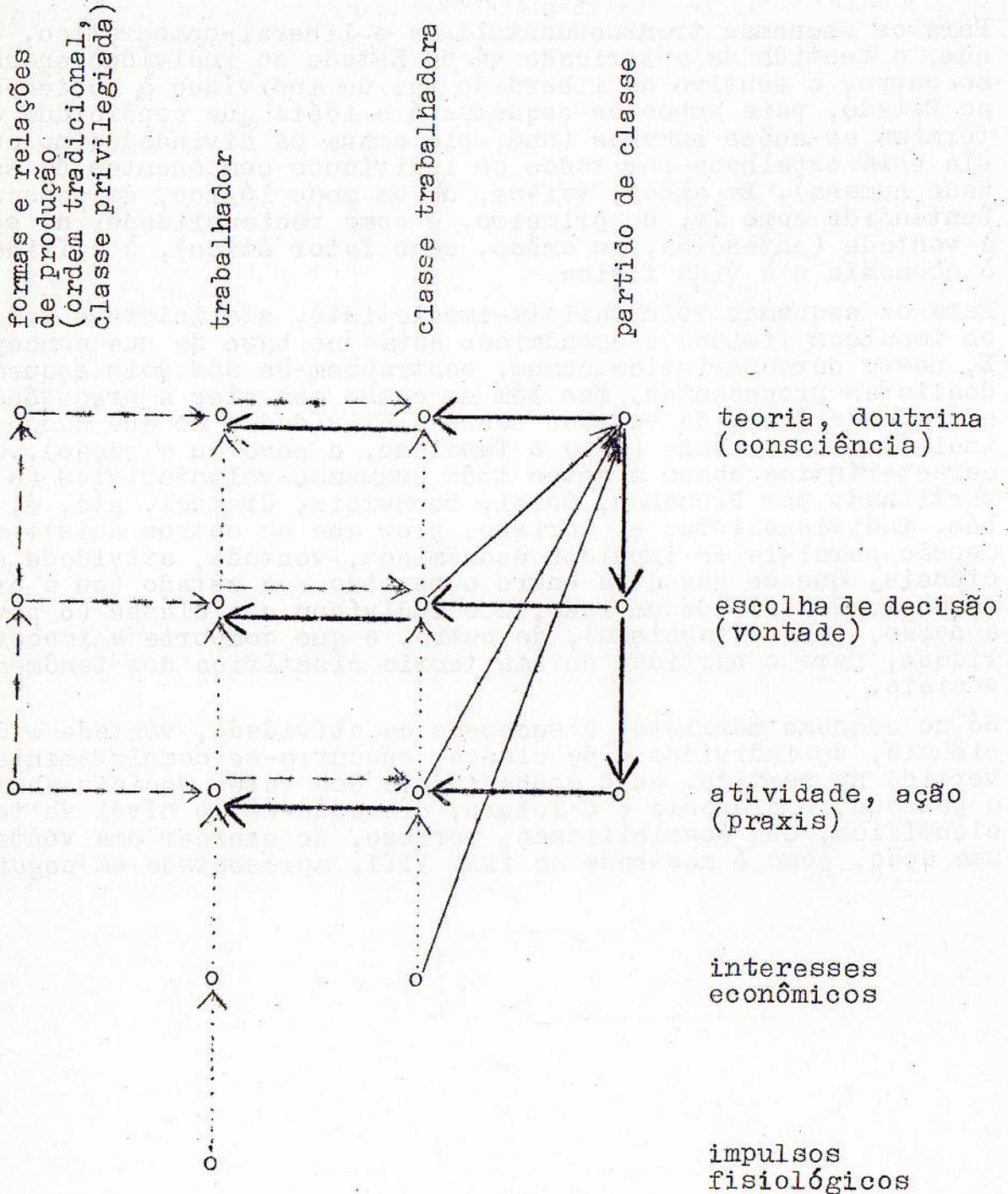
Para os esquemas transcendentalista e liberal-democrático, embora, num, o sentido da autoridade vá do Estado ao indivíduo enquanto, no outro, o sentido da liberdade vai do indivíduo à sociedade e ao Estado, para ambos os esquemas é a idéia que condiciona e determina as ações humanas (num, ela emana da divindade; no outro, ela está espalhada por todos os indivíduos componentes da sociedade humana). Em ambos, vai-se, de um modo lógico, da consciência (entendida como fé, no primeiro, e como racionalidade, no segundo) à vontade (entendida, em ambos, como fator ético), à atividade, à economia e à vida física.

Para os esquemas voluntarista-imediatista, stalinista e fascista, os impulsos físicos e econômicos estão na base da sua concepção. E, nesta característica comum, contrapõem-se aos dois esquemas idealistas precedentes. Mas têm em comum com eles a precedência e a preponderância da vontade sobre a atividade, no que concerne o indivíduo e a classe (para o fascismo, o povo ou a nação). Outra característica comum a estes três esquemas voluntaristas (o compartilhado por Proudhon, Sorel, Bernstein, Gramsci, etc, é, também, individualista; e, porisso, pior que os outros dois): a sucessão paralela de impulsos econômicos, vontade, atividade e consciência, que se encontra entre o partido e o estado (ou a organização imediata), de um lado, e o indivíduo e a classe (o povo ou a nação, para o fascismo), do outro, e que comporta a impossibilidade, para o partido, de uma teoria científica dos fenômenos sociais.

Só no esquema marxista, a sucessão da atividade, vontade e consciência, do indivíduo e da classe, encontra-se completamente invertida no partido, cujo conhecimento dos fatos sociais abrange o passado, o presente e o futuro, elevando-se ao nível de teoria científica, com possibilidade, porisso, de exercer uma vontade e uma ação, como é mostrado na fig. VIII, apresentada em seguida.

FIGURA VIII

ESQUEMA MARXISTA DA INVERSÃO DA PRAXIS



- determinação econômica
- influência conservadora
- impulsos unificados no partido
- influência revolucionária

COMENTÁRIO À FIGURA VIII

O objetivo do esquema é, apenas, o de simplificar os conceitos do determinismo econômico. Em cada indivíduo (logo, também, em cada proletário), não é a consciência teórica que determina a vontade de agir sobre o ambiente externo, mas acontece o oposto, como mostra o esquema, com flechas dirigidas de baixo para cima: o impulso da necessidade física determina, através do interesse econômico, uma ação não-consciente, e só muito depois da ação é que ocorre, pela intervenção de outros fatores, a crítica e a teoria da mesma.

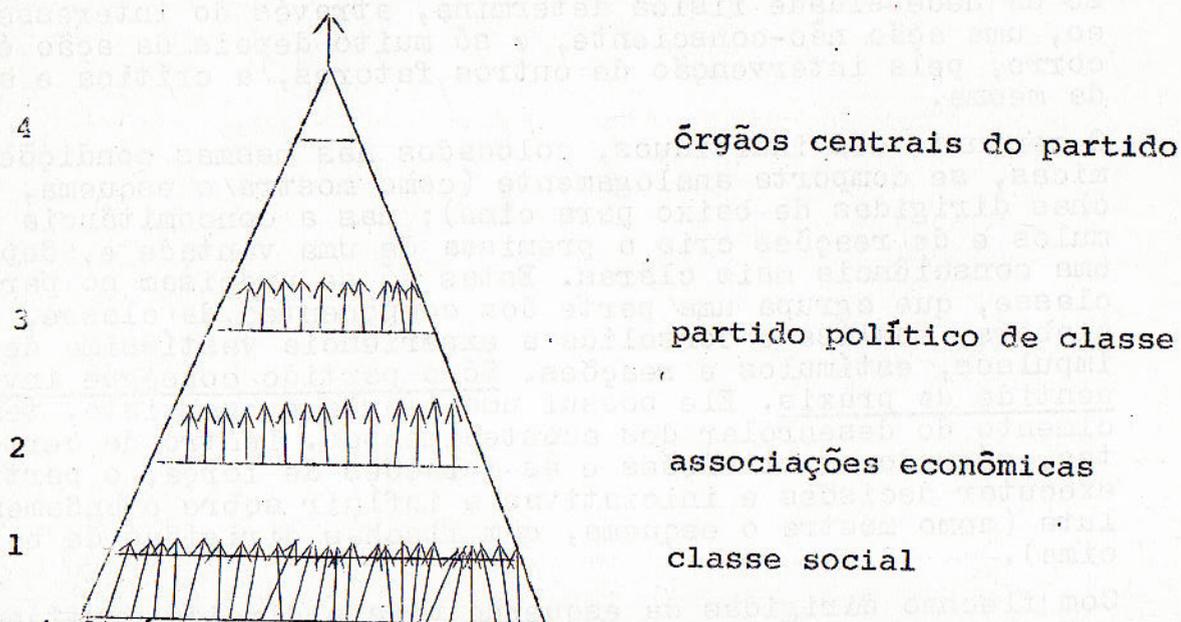
O conjunto dos indivíduos, colocados nas mesmas condições econômicas, se comporta analogamente (como mostra o esquema, com flechas dirigidas de baixo para cima); mas a concomitância de estímulos e de reações cria a premissa de uma vontade e, depois, de uma consciência mais claras. Estas só se precisam no partido de classe, que agrupa uma parte dos componentes da classe, mas que elabora, analisa e consolida a experiência vastíssima de todos os impulsos, estímulos e reações. Só o partido consegue inverter o sentido da praxis. Ele possui uma teoria e, por isto, tem conhecimento do desenrolar dos acontecimentos. Dentro de certos limites, segundo as situações e as relações de força, o partido pode executar decisões e iniciativas e influir sobre o andamento da luta (como mostra o esquema, com flechas dirigidas de baixo para cima).

Com flechas dirigidas da esquerda para a direita, pretendemos representar as influências de ordem tradicional (formas de produção); com flechas dirigidas da direita para a esquerda, influências antagônicas revolucionárias.

A relação dialética está no fato de que o partido revolucionário é tanto um fator consciente e voluntário dos acontecimentos, como é, também, um resultado destes acontecimentos e do conflito que eles contêm entre formas de produção antigas e novas forças produtivas. Tal função teórica e ativa do partido viria abaixo, porém, se fossem truncados os seus liames materiais com a contribuição do ambiente social, da primordial, material e física luta de classes.

FIGURA IX

ESQUEMA DO CENTRALISMO MARXISTA



- 1) Os indivíduos que compõem a classe são impelidos a agir em direções discordantes. Alguns deles, se consultados ou livres de decidir, fa-lo-iam no sentido do interesse da classe oposta, da classe dominante.
- 2) Os sindicalizados tendem a agir em direção contrária ao interesse patronal, mas num sentido imediato e sem capacidade de convergir numa ação única e num único objetivo.
- 3) Os que militam no partido político e que resultam do trabalho no seio da classe e das associações estão preparados para agir no sentido da resultante revolucionária única.
- 4) Os órgãos de direção do partido, que emanam da base, agem na direção revolucionária, na continuidade da teoria, da organização e dos métodos táticos.

A posição da Esquerda consiste na luta simultânea contra os dois desvios:

- 1) A base é suficiente para decidir a ação do centro, se consultada democraticamente (obreirismo, laborismo, social-democratismo).
- 2) O centro supremo (comitê político ou dirigente do partido) é suficiente para decidir a ação do partido e da massa (stalinismo, cominformismo) e tem o direito de descobrir "novas formas" e "novos cursos".

Ambos os desvios levam ao mesmo resultado: a base não é mais a classe proletária, mas o povo ou a nação. Segundo Marx e Lênin, disto resulta a direção no interesse da classe dominante burguesa.